



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA
E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



ESTER AIDA GELMAN

ECOS DE UM NOME: JULIANO MOREIRA
O PROCESSO DE RECEPÇÃO E DIVULGAÇÃO DE
CONHECIMENTOS EM PSIQUIATRIA, PSICANÁLISE E HISTÓRIA
DAS CIÊNCIAS NA PASSAGEM PARA O SÉCULO XX.

Salvador
2006

G314

Gelman, Ester Alda

Ecos de um nome Juliano Moreira e o processo de recepção e divulgação de conhecimento em psiquiatria, psicanálise e história das ciências na passagem para o século XX / Ester Aida Gelman.- Salvador: E. A. Gelman, 2006.

116p.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de Física
Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro Jacobina

1.História das Ciências. 2.Psiquiatria. 3.Psicanálise .4.Juliano Moreira.
I. Universidade Federal da Bahia.Instituto de Física

CDU – 53 (07)

ESTER AIDA GELMAN

ECOS DE UM NOME: JULIANO MOREIRA

O processo de recepção e divulgação de conhecimentos em Psiquiatria, Psicanálise
e História das Ciências na passagem para o século XX.

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ensino, Filosofia e História
das Ciências, Instituto de Física,
Universidade Federal da Bahia e
Universidade Estadual de Feira de
Santana, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: História das
Ciências

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro
Jacobina

Salvador

2006



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA
E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



ESTER AIDA GELMAN

ECOS DE UM NOME: JULIANO MOREIRA
O PROCESSO DE RECEPÇÃO E DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTOS EM
PSIQUIATRIA, PSICANÁLISE E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NA PASSAGEM PARA
O SÉCULO XX.

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Filosofia e História das
Ciências

Salvador, 15 de maio de 2006.

Banca Examinadora:

Paulo Duarte de Carvalho Amarante _____
Doutor em Saúde Pública, FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

José Carlos Barreto de. Santana _____
Doutor em História da Ciência, USP
Universidade Estadual de Feira de Santana

Ronaldo Ribeiro Jacobina _____
Doutor em Saúde Pública, FIOCRUZ
Universidade Federal da Bahia

A

Ñata y Marcelo *in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Aos amigos Nelson, Maria e, Odete que me escutaram atentamente e deram sugestões, por onde ir, como proceder, enfim sinalizaram o caminho e as pedras. A Stella,Cecília, Lívio e Jairo pela atenção e o alento. A Olga porque sempre estava no MSN para me contar coisas de Buenos Aires.

Aos professores do programa que acolheram minhas dúvidas e confiaram no meu trabalho especialmente o Professor Mattedi, o Professor Olival e a Professora Elyana que sabiamente e em poucas palavras orientou minhas perguntas.

Ao meu orientador Ronaldo Jacobina pelo seu entusiasmo, pelo seu gosto pelas letras, e porque ama a Bahia e sua gente tanto quanto eu.

Às queridas amigas Diana, Katemari, Marisa e, Sarah pela troca de idéias, a companhia a conversa e as boas risadas.

A minha filha Maia sem ela nada disto seria tão valioso

“El conocimiento de lo real es una luz
que siempre proyecta alguna sombra.
Jamás es inmediata e plena.
Las revelaciones de lo real son siempre recurrentes.
Lo real no es jamás ‘lo que podría creerse’
sino siempre lo que debiera haberse pensado.”

Gaston Bachelard, 1972.

RESUMO

Esta dissertação buscou situar e descrever o contexto de surgimento de uma prática e uma experiência de conhecimento sobre os quadros que foram considerados como moléstias nervosas, no início do século XX. O trabalho se desenvolveu, tendo como fio condutor a personagem histórica Juliano Moreira, no sentido de investigar sua atuação dentro da perspectiva da História Social das Ciências enfatizando sua atuação na divulgação do referido conhecimento, assim como aprofundar seus estudos e produções teóricas nas áreas de Psiquiatria, Psicanálise e História das Ciências.

Palavras-chave: Juliano Moreira, Psiquiatria, Psicanálise, História das Ciências.

ABSTRACT

This essay searched to point out and to describe the context of sprouting of a practical and an experience of knowledge on the situations that had been considered as nervous diseases, in the beginning of century XX. The work developed, having as conducting e the historical personage Juliano Moreira, in the direction to inside investigate his performance on the perspective of social history of sciences, emphasizing his performance in the spreading of the related knowledge, as well as deepening his studies and theoretical productions in the psychiatry, psychoanalysis and history of sciences areas.

Keywords: Juliano Moreira, Psychiatry, Psychoanalysis, History of Sciences.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. OBJETIVOS.....	19
2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	20
2.1. NARRATIVA BIOGRÁFICA & HISTÓRIA	23
3. JULIANO MOREIRA NA BAHIA (1891- 1903)	28
3.1. CONTEXTO DE UMA OBRA.....	28
3.1.1 A Escola e depois Faculdade de Medicina da Bahia.....	28
3.1.2. Os Médicos estrangeiros	31
3.1.3. Escola Tropicalista da Bahia	33
3.2. APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM	35
3.2.1. Formação do Médico e Cientista	37
3.2.1.1. A Tese Inaugural 1891.....	38
3.2.2. Relação com a Gazeta Médica da Bahia	40
3.2.3. Concurso para o cargo de Lente Substituto (1896)	41
3.2.4. O Mestre Silva Lima.....	44
3.2.5. O Mundo Germânico	46
3.2.6. Viagens de estudo no exterior e seu registro em publicações locais e nacionais	48
Revista dos internos dos Hospitais da Bahia	49
Revista Brazil Médico	51
Gazeta Médica da Bahia	54
a) <i>Sobre o médico alemão Rudolf Virchow</i>	54

<i>b) XIII Congresso de Medicina de Paris.....</i>	56
4. ECOS DE UMA OBRA: JULIANO MOREIRA NO RIO DE JANEIRO (1903-1920).....	58
4.1. A LIDERANÇA DE JULIANO MOREIRA NA PSIQUIATRIA BRASILEIRA.....	58
4.1.1. A questão do Louco do Império à República	58
4.1.2. Juliano Moreira e a psiquiatria: A direção do Hospício Nacional de Alienados	61
4.1.3. A Psiquiatria como novo campo de saber.....	64
4.1.4. Divulgação do novo modelo de assistência aos alienados.....	66
4.2. JULIANO MOREIRA E A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS.....	72
4.2.1. A história das ciências antecedentes.....	72
4.3. CONFERÊNCIAS DE JULIANO MOREIRA	76
4.3.1 O progresso das ciências no Brasil	77
4.3.2. Pies e Marcgrave	83
5. JULIANO MOREIRA E A PSICANÁLISE.....	91
5.1. A PSICANALISE EM 1920.....	94
5.2. A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE PELA PSIQUIATRIA.....	96
5.3. A RESENHA DE JULIANO MOREIRA DA OBRA DE FRANCO DA ROCHA.....	99
5.4. DA PSICANÁLISE (A SEXUALIDADE NAS NEUROSES)	104
5.5. PANSEXUALISMO NA TEORIA FREUDIANA POR FRANCO DA ROCHA.....	107
6. CONCLUSÕES GERAIS.....	111
7. REFERÊNCIAS	113
8. FONTES.....	119

1. INTRODUÇÃO

O olhar para a conformação de um campo de saberes da Psique, caucionado pela conceituação da loucura como doença mental e pelo impacto da descoberta freudiana, considerados como irrupções na história disciplinar da Psiquiatria e da Psicanálise no mundo, no final do século XIX, foi o ponto de partida nesse processo de pesquisa, que resultou na formulação das seguintes questões: como esses conhecimentos chegaram ao Brasil e qual sua repercussão? Como foram absorvidos e divulgados? Para continuar o trajeto da proposição foi importante recorrer ao instrumental metodológico oferecido pela história das ciências, interessada em abordar a particularidade do fenômeno da difusão do conhecimento das grandes metrópoles para a periferia, como um evento de interesse para a cultura local. O processo não se resume a recepcionar e divulgar, senão, também, como, e em que contexto, saindo do registro da universalidade, da mundialização do conhecimento como um processo único para a compreensão da divulgação como um evento dotado de singularidades.

Com o problema constituído nesses termos, o passo seguinte foi o de buscar abordá-lo a partir do conhecimento das práticas realizadas, segundo a época

em que foi focado o estudo, utilizando o procedimento metodológico de “ordenar” os acontecimentos. Novas questões emergiram: havia no período um campo intelectual constituído por agentes sociais que abordavam o mesmo objeto de estudo? Como as idéias freudianas circularam? Como foi a sua divulgação? Havia um campo de conhecimentos das ciências da psique sobre as enfermidades nervosas? Havia alguma prática da psicanálise no período? Quais eram as relações entre a Psiquiatria e a Psicanálise?

Com as perguntas formuladas, foram incorporados fatos históricos que, por sua vez, indicaram seja a permanência, seja a reorientação de algumas proposições. Estabelece-se uma relação na qual o tempo se parte e se reparte em formulações que, feitas no tempo presente, são respondidas a partir dos documentos que testemunham o passado, mas respondem às exigências do tempo presente. O “diálogo” entre os tempos evita o uso da história como erudição. A consideração crítica dos trabalhos passados tem um valor formativo no presente. Assim o problema é formulado da seguinte forma: no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX, a Psiquiatria e a Psicanálise faziam parte do campo de tensões/conhecimentos que conformavam uma rede de saberes sobre o que nesse momento era nomeado como moléstias nervosas?

Sem recorrer à figura precursora como marco zero, acredita-se que é possível abordar as atividades dos agentes envolvidos nesse processo guiados pelos sucessivos ou concomitantes fatos que a história indica.

Uma das finalidades deste estudo é pesquisar o percurso de instalação das condições locais de emergência de um saber sobre as enfermidades nervosas no período que compreende o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para isto, a apropriação da personagem histórica de Juliano Moreira foi um

marco na definição do tema que se pretende abordar. Suas atividades médicas, acadêmicas e intelectuais se destacaram naquele período. São exemplos: a sua pioneira atuação na divulgação da teoria freudiana já no final do século XIX e início do XX, a introdução dos conhecimentos da psiquiatria alemã num ambiente intelectualmente dominado pela cultura francesa, a reforma promovida na prática psiquiátrica aos insanos no Brasil, o interesse e conhecimento do autor pela história não só da Medicina, mas também das Ciências em geral no país. Essas foram algumas das trilhas percorridas para focar a temática identificada como o motivo da nossa pesquisa. Enfim, o autor referido e a época criaram as condições e possibilidades dessa travessia.

O ponto de partida da pesquisa está definido pela data em que o jovem médico baiano apresenta à Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) a sua tese inaugural “Etiologia da Sífilis Maligna Precoce”, que lhe concedeu, no ano de 1891, o título de Doutor [Profissional da Medicina]. O marco que limita este estudo é o ano da publicação de Franco da Rocha “O Pansexualismo na Doutrina de Freud”, em 1920. Este livro teve a resenha de Juliano Moreira, naquele momento um dos mais respeitados intelectuais do país.

A Faculdade de Medicina da Bahia funcionou durante o século XIX como um centro na formação profissional e cultural na Bahia. As Teses Inaugurais¹, defendidas no período, constituem um vasto manancial de documentos (testemunhos) para pesquisas no campo das mentalidades ou história cultural, inclusive a história das ciências. Os médicos, abarcaram nos seus conhecimentos muito do que hoje é abordado em outras áreas, como Ciências Sociais, Educação e Psicologia, além dos temas correlatos a área médica.

¹ A tese inaugural era o dispositivo utilizado para titular os médicos nas Faculdades de Medicina do país, no período.

As conclusões de uma pesquisa feita recentemente, tendo como objeto as Teses da FAMEB e tendo como objetivo conhecer o interesse e o modo como, no século XIX, eram tratadas as questões relacionadas à saúde mental, contribuíram na contextualização das atividades de Juliano Moreira e reforçaram os vínculos desse autor com o tema do nosso interesse.

Neste estudo (DOURADO *et alii.*, 2005, p. 115) se destacam, entre os autores brasileiros mais citados nas teses produzidas a partir da segunda metade do século XIX e que abordavam temas relacionados à saúde mental, os nomes de Nina Rodrigues, Juliano Moreira e Afrânio Peixoto.

Outra pesquisa importante na escolha do tema e formulação da problemática foi a dissertação que analisa os estudos de Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e cultura (MENEZES, 2002). Este trabalho apresenta uma visão da história social das ciências, com uma abordagem crítica das atividades de uma personagem em seu contexto. Ele serviu também para confirmar a tese da importância de Juliano Moreira na divulgação da psicanálise no Brasil.

As leituras preliminares que destacamos construíram uma base, a partir da qual era possível “enfrentar” a disparidade (o aparente paradoxo?).

Juliano Moreira foi o principal agente intelectual na introdução das idéias que compreendiam a loucura numa perspectiva organicista, e a Psicanálise, que não apresenta qualquer interesse na fisiologia da localização de lesões cerebrais, uma vez que sua explicação era puramente psicológica (FRANCO DA ROCHA, 1920).

A visão da História Social das Ciências, especialmente a História das Ciências na América Latina, contribuiu na delimitação do objeto de análise, pois tal perspectiva possibilita analisar os vários aspectos que conformam uma visão da história que, sem atender a tensões entre o que é interno ou externo, constituiu-se

no recurso metodológico com o qual será possível observar os acontecimentos históricos na sua dimensão macro ou micro, a depender do diálogo estabelecido com as fontes, afastando-se da busca das raízes, das fundações, das consolidações disciplinares.

Sem recorrer ao discurso do reconhecimento que é amplamente divulgado, o instrumental oferecido pela metodologia da pesquisa histórica permitiu que se conhecesse a modificação introduzida por Juliano Moreira (JM), apreendendo o significado da experiência, no momento em que estava se constituindo, dispensando julgamentos feitos por um olhar anacrônico.

O cenário, construído a partir dos relatos do próprio JM e dos seus pares, contextualizou a personagem como um agente de grande visibilidade no processo de recepção, disseminação e elaboração das teorias produzidas no velho mundo, atividade relevante para a formação dos quadros profissionais a partir do último quartel do século XIX.

A leitura dos textos de autoria de Juliano Moreira indicou o seu interesse pelas causas pragmáticas. O interesse científico sempre aparecera associado à prática profissional, à aplicabilidade do conhecimento. Esta era uma posição alternativa à orientação e aos procedimentos médicos prevalentes no final do século XIX na Bahia.

Já antecipamos aqui que, desde o começo, no início de sua carreira como médico, a orientação assumida por Juliano Moreira foi de, com base em sólidas teorizações, buscar efetivamente intervir nas condições sanitárias da população de seu estado natal. Há dados que nos asseguram afirmar que JM esteve influenciado pela medicina de cunho social que se desenvolvia na Alemanha e que participou ativamente da "associação de facultativos" e de sua revista – Gazeta Médica da

Bahia, que se constituíram num verdadeiro movimento médico consagrado com o nome de “Escola Tropicalista da Bahia”.

Os acontecimentos políticos no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, com o fim do poder monárquico e o estabelecimento do regime republicano, são importantes para a contextualização da nossa personagem. Juliano Moreira participou do debate existente no início do século sob a questão racial e a viabilidade do país como nação. Seus estudos recusavam os determinismos climáticos e raciais como pré-condições para as desordens mentais e afirmavam como causalidade das enfermidades as precárias condições de vida da população. O movimento sanitarista constituiu um importante pólo de defesa da idéia de que o meio social era desencadeador de todas as moléstias, sendo preciso saneá-lo e dotá-lo de condições necessárias para seu desenvolvimento. Fazendo coro ao que o sanitarismo pregava, Juliano Moreira defendeu a ação profilática e saneadora da Psiquiatria, que deveria ampliar sua intervenção, destacando a propaganda antialcoólica e a educação popular.

Um procedimento preliminar nesta investigação foi a de organizar toda a produção científica de Juliano Moreira que foi possível ser obtida, em especial no período estudado (1891-1920), numa seqüência temporal. No entanto, os aspectos destacados não correspondem a um percurso com sentido progressivo, como também não correspondem a nenhuma evolução de pensamento do autor. O uso da cronologia foi utilizado com a finalidade de facilitar a exposição.

A ênfase dada à figura de Juliano Moreira confere ao estudo um viés biográfico, porém a orientação da historiografia pela qual cingimos a história pessoal e profissional de Juliano Moreira o inclui como agente num âmbito complexo de relações sociais, políticas e culturais. Sem o caráter glorificador ou condenatório, a

narrativa biográfica proposta atende ao interesse de destacar tanto os aspectos mais singulares e íntimos, como os processos históricos de dimensão macro-social.

Desse modo, a trajetória pessoal e profissional de Juliano Moreira será o fio condutor, a senda e o cenário dos acontecimentos, que se relacionam com o processo de recepção, reprodução, legitimação e elaboração das teorias produzidas no velho mundo, na passagem do século XIX para o século XX, verificando a veiculação e produção local de textos, conferências, prefácios, etc.

Dentre os vários autores que contribuíram na delimitação do nosso problema, daremos relevância aos estudos que destacam a participação de Juliano Moreira, a partir de 1903, na reforma do sistema de assistência ao doente mental, retirando celas e coletes, numa orientação que buscava a modificação das práticas vigentes até então na assistência aos insanos no Brasil (DALGALARRONDO, 1994; CARVALHAL, 1997; PORTOCARRERO, 2002;).

Por outro lado, vários autores (PEIXOTO, 1933; PERESTRELLO, 1992 e 1993; GLICK; 1999; ROUDINESCO, 1999; RUSSO, 2002; MOKREJS, 2002; SAGAWA , 2002) indicam o nome de Juliano Moreira como precursor na leitura e difusão do ideário freudiano no Brasil, no início do século XX.

Genserico Pinto, num dos primeiros trabalhos de Psicanálise produzido no país, com a temática da sexualidade nas neuroses, comentou que Juliano Moreira, “como ilustre cultor da Neuriatria e da Psicologia, não poderia deixar de dirigir sua atenção sobre a doutrina freudiana” (PINTO, 1914, p. 3).

Vale ressaltar, depois dessa digressão feita acima, que este estudo dá ênfase ao período inicial do autor em foco, quando ainda residia na Bahia. A importância disso deve-se, primeiramente, por revelar uma obra já existente e relevante de Juliano Moreira, porém pouco conhecida, uma vez que os autores

referidos acima situam suas análises a partir de 1903, quando Juliano Moreira assumiu a direção do Hospício Nacional dos Alienados no Rio de Janeiro, na época o Distrito Federal. Outro aspecto relevante, que valoriza este período dos doze anos transcorridos na Bahia após a sua formatura (1891-1903), é o fato de ter sido nesta conjuntura que o estudioso nas áreas de Dermatologia (Sifiligráfia em especial), Infectologia e Anatomia Patológica, consolidou-se como psiquiatra. Aprovado como Lente Substituto da Cadeira de Doenças Mentais e Nervosas na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1986, passou a lecionar tendo como local das aulas práticas o Asilo São João de Deus, sob administração da Santa Casa da Misericórdia (JACOBINA & GELMAN, 2006). Foi na torre do Solar Boa Vista, sede do asilo, que Juliano organizou seus grupos de estudo e discussão (PINHO, 1999), onde possivelmente iniciou suas leituras da obra freudiana.

A leitura, tanto dos textos do próprio Juliano Moreira, como de seus pares e discípulos, nos proporcionou a possibilidade de aprofundar a compreensão do objeto de estudo, em parte ampliando nossa visão e, por outro lado, especificando e particularizando a natureza da relação de Juliano Moreira com a Psiquiatria alemã, com a Psicanálise e com o conhecimento científico em geral do período.

Assim, localizamos Juliano Moreira num panorama amplo das particularidades historiográficas do movimento de disseminação, no Brasil, das idéias que eram produzidas na Europa, entre o final do século XIX e início do século XX. A sua posição como agente na recepção, elaboração e difusão de teorias científicas no período também compreendem as condições sócio-culturais em meio às quais o sistema teórico original foi sofrendo um processo de intermediações e de releituras até conquistar na sua comunidade científica uma opinião favorável (ARBOLEDA, 2000).

Delimitaram-se os estudos sobre Juliano Moreira em torno das atividades nas quais ele tinha uma ativa participação: a recepção dos conhecimentos produzidos nas grandes metrópoles - particularmente a Alemanha – e a difusão e elaboração nas áreas de conhecimento da Psicanálise, Psiquiatria e História das Ciências de acordo com as necessidades e demandas locais. É relevante destacar que a nossa personagem teve uma atuação expressiva na utilização da metodologia da pesquisa histórica na abordagem de temas de interesse não só na História da Medicina, como também desenvolveu estudos sobre a História das Ciências em geral no Brasil. Esses textos produzidos pelo autor serão objetos de análise neste estudo.

Para a organização da nossa exposição, circunscreveremos as atividades de nosso personagem em dois períodos. O primeiro a partir de 1891, com o marco já referido de sua tese inaugural à Faculdade de Medicina da Bahia até 1903, quando inicia suas atividades como Diretor do Hospício Nacional de Alienados, passando a residir no Rio de Janeiro. Nesse primeiro período, Juliano Moreira cultivou dois campos com a mesma dedicação: a Dermatologia (especialmente sífilis) e a Neuriatria-Psiquiatria.

O segundo momento estará centrado basicamente nas atividades que desenvolveu na então capital da república a partir de 1903 até 1920. Este período foi o de maior visibilidade na atuação profissional de Juliano Moreira, tanto nacional como internacionalmente, e a qual se reputa o mítico lugar de pai da psiquiatria brasileira.

1.1. *Objetivos*

O objetivo geral será: analisar as produções acadêmico-científicas e intelectuais de autoria do psiquiatra baiano Juliano Moreira, que se referem ao processo de recepção e elaboração das teorias produzidas no velho mundo, na passagem do século XIX ao século XX, verificando a difusão e produção local nas áreas de Psiquiatria, Psicanálise e História das Ciências.

Os objetivos específicos identificados para possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa são:

- 1) Fazer levantamento e análise de documentos referentes ao período e temática identificada;
- 2) Contribuir com a análise histórica da divulgação do conhecimento - como chegava e como era recebido- e verificar qual era a produção acadêmico-científica local na época;

2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ratificar as características da produção local de conhecimentos no final do século XIX e revelar as particularidades da situação da divulgação científica no final do século XIX a partir da contribuição de Juliano Moreira na recepção e elaboração do conhecimento científico vindo dos grandes centros, aproximou nosso estudo do crescente interesse que a História da Ciência vem desenvolvendo pelas diversas formas de transferência de conhecimento.

As condições de desigualdade em que se iniciou o desenvolvimento de relações entre a Europa e América a partir do desembarque de Cristóvão Colombo na América Central (FIGUEIRÔA, 2000) orientaram a compreensão do desenvolvimento da atividade científica regional desde uma visão eurocêntrica.

O fenômeno da construção de uma cultura e do desenvolvimento de atividades científicas com as características próprias do encontro de elementos regionais e estrangeiros não foi valorizado pelo olhar das metrópoles européias

O conjunto de concepções que fundamentou esta orientação dentro da historiografia das ciências começou a ser questionado a partir de 1980; a mudança de “rumo” no estudo do desenvolvimento das ciências permitiu a emergência de

sujeitos novos e novos personagens, temas de interesse local no interior de uma temporalidade de acordo com os acontecimentos regionais.

O interesse crescente pelas diversas formas de transferência de conhecimento dentro da história está calçado na compreensão da atividade científica como um trabalho que visa a produção, difusão e legitimação (SANTANA, 2001)

O presente trabalho pretende dar uma contribuição às características, e os fatores determinantes, condicionantes e limitantes do processo de transferência e adaptação de uma determinada cultura científica, posto que tal processo nunca ocorre em um ambiente culturalmente vazio (FIGUEIRÔA, 2000)

Para tanto, o estudo está sendo desenvolvido a partir de uma visão da História Social das Ciências. A História Social das Ciências não é um estudo paralelo do social, do cultural, do econômico, do político, mas sim uma abordagem com todas essas dimensões.

Este aspecto histórico-metodológico está calçado no espírito da Escola dos Anais, que propõe uma renovação dos métodos e do próprio objeto da ciência histórica, mediante a atenção dada às estruturas e aos fenômenos coletivos.

Dentro da mesma orientação, o objeto na história não é dado pelas fontes, mas construído pelo historiador a partir das solicitações do presente. Passado e presente se esclarecem reciprocamente. A intencionalidade sobre os testemunhos na história passa a ser alvo de preocupação em um duplo sentido: a intenção do agente histórico, presente no documento, e a intenção do pesquisador ao se acercar deste documento. Dessa maneira, a partir de interesses precisos no presente, o historiador escolhe os materiais (documentos) com os quais irá trabalhar, e formular perguntas que lhe parecem pertinentes.

Nessa prática, progressivamente, o ponto de partida da investigação passa do documento para o problema(VIEIRA,2002 p.10).

Não são as fontes que conferem valor ao trabalho do historiador, mas a qualidade de perguntas que ele formula A relação do historiador com o documento modifica-se, desde que o documento não fala por si mesmo, necessitando de perguntas adequadas (BLOCH, 1997; Le GOFF, 1994).

No diálogo com as fontes, os resultados obtidos pelo pesquisador levam-no a fazer novas perguntas e/ou buscar novas evidências. Ou seja, a problematização do objeto se configura no transcorrer da pesquisa. Problematizar, nesse caso, é dar voz aos sujeitos históricos. O conhecimento histórico é historicamente produzido.

A orientação dada aos estudos preliminares, segundo as premissas teóricas e históricas acima expostas, permitiu a periodização da produção acadêmico-científica de Juliano Moreira em duas fases.

A primeira, que se inicia com a defesa da sua tese inaugural - Etiologia da sífilis maligna - na Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1891, até o ano de 1903. A segunda, que começa em 1903, quando Juliano Moreira muda-se para o Rio de Janeiro, a então capital da república, lá permanecendo a convite do Governo de Rodrigues Alves, como diretor do Hospício Nacional de Alienados e como Diretor-Geral da Assistência aos Alienados para todo o Brasil ,até o ano de 1930, quando é deposto pelo governo da época.Porem o nosso estudo finda em 1920, tendo como marco,a publicação do livro O pansexualismo na doutrina freudiana de Franco da Rocha .

A leitura dos elementos reunidos segundo esta cronologia, que não é dada, mas construída criticamente, permite localizar, na primeira fase, o momento

em que a personagem histórica consolida seus conhecimentos como psiquiatra, o que reveste esta denominada primeira fase de um interesse particular, na construção do objeto de estudo.

Dentro da narrativa biográfica, estilo que foi escolhido com a finalidade – por meios documentais e metodológicos – de descrever a figura individual de Juliano Moreira sem separá-la de sua sociedade, de sua cultura, de seu contexto

2.1. NARRATIVA BIOGRÁFICA & HISTÓRIA

Deslindar a ciência da arte quando abordamos a natureza da biografia dentro do campo disciplinar da história é o cerne do debate que se renova a cada intento de utilizarmos a narrativa biográfica. Reduzir aspectos que são ao mesmo tempo historiográficos e literários é uma fronteira difícil de traçar, posto que a história abrange esses dois aspectos. A arte do historiador constitui parte da sua ciência; sua forma não é nem um enfeite nem idiossincrática, está ligada a sua matéria (GAY, 1989, p.11).

Desde o século IV a.C. os homens de ciência são objeto de interesse de relatos que pretendem desvendar a verdade de um descobrimento, reatando os passos pelo qual se constrói o conhecimento. A relação entre o estilo biográfico e a história da ciência é antiga, assim como o é a necessidade de deslindar a história dos homens que produziam o conhecimento do próprio produto ou objeto de estudo da ciência.

Como os produtos mentais – as idéias, os ideais, as posturas religiosas, políticas e estéticas – originaram-se e pôde definir a sua forma sob a impressão das

realidades sociais? É o questionamento proposto pelo historiador Peter Gay, e o interesse que atravessa a leitura do material abordado neste estudo.

O recente desenvolvimento da História das Ciências e das tendências metodológicas no campo da pesquisa e do ensino da H.C, paralelamente ao fortalecimento das relações com a Epistemologia e a Filosofia; o surgimento de novas disciplinas que abordam a análise do fenômeno científico concedem atualidade ao debate que desde a antiguidade atinge a definição e delimitação do objeto da História das Ciências: a disciplina deve se ocupar dos homens que a elaboraram ou obtiveram?

O fortalecimento de novos recursos, provenientes das ciências para a compreensão do fenômeno científico e a sua evolução no avanço das diversas disciplinas interessadas na análise dos fatores institucionais, psicológicos, sociais econômicos e políticos do desenvolvimento científico, contribuiu com a progressiva elaboração de uma concepção da história global do processo científico, que respeite ao mesmo tempo a unidade do pensamento e os fatores sociais e institucionais intervenientes no progresso da atividade científica.

Nesse contexto surge como possibilidade a realização de um estudo biográfico que sintetize a obra e os fatores que influíram na formação do seu pensamento.

A reunião de manuscritos inéditos e de correspondências não pode em si mesma constituir uma boa biografia porque satisfatória desde o ponto de vista documental (TATON, 1987).

A mesma deve comportar uma interpretação dirigida a unificar os diferentes aspectos da sua vida e prover uma análise de sua obra, seus aportes e

sua influência Thomas Hankins (*apud* TATON, 1987). O autor enuncia três regras para a realização de uma biografia:

- a primeira comprehende uma tarefa delicada: a prévia organização da obra impressa dos manuscritos e documentos diversos produzidos pelo autor, com a finalidade de apresentar ao leitor o pensamento do autor em questão, seu percurso suas idéias;
- em um segundo momento é importante integrar, propor uma síntese, dar coerência para então alcançar o terceiro aspecto;
- este último, é o de construir uma biografia de fácil leitura que integre a análise científica e o estudo biográfico.

No início da carreira médica, Juliano Moreira atuou em duas especialidades: dermatologia e neurologia. A convivência com problemas sanitários que diziam respeito às condições de vida da população, particularmente das pessoas submetidas ao regime de trabalho forçado, foram questões que preocuparam ao jovem médico Juliano Moreira.

Ingressou, no ano de 1896, na Faculdade de Medicina da Bahia, mas renunciou e transferiu-se para o Rio de Janeiro, assumindo em 1903 a direção do Hospício Nacional dos Alienados do Distrito Federal. Nesse momento, sua vocação pela Psiquiatria já estava definida, de forma que ele se dedicou inteiramente a divulgação da teoria kraepeliniana, que oferecia uma alternativa de tratamento para os insanos, segundo a orientação taxionômica da Psiquiatria Alemã. Assim suas atividades como psiquiatra introduzem no Brasil uma leitura biomédica da loucura no marco das reformas sanitárias desenvolvidas pelo governo da República.

Mas a sua contribuição foi além da implantação de um modelo para a prática da Psiquiatria como especialidade da medicina. No inicio do século XX

exerceu atividades de divulgação de conhecimentos relacionados à Psicanálise, o que o localizou como personagem importante no que se refere ao desenvolvimento dos estudos das “moléstias nervosas”.

A pesquisa documental revelou aspectos menos divulgados da sua obra: sua contribuição para o desenvolvimento da História das Ciências no Brasil, destacando-se dentro desta atividade, duas conferências. Na primeira, analisa criticamente a posição do Brasil como país receptor do conhecimento produzido nas grandes Metrópoles. A segunda intervenção tem como cenário o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nessa ocasião, Juliano Moreira dá relevância à intervenção dos holandeses no Brasil no século XVII, qualificando-a como brilhante e benéfica por ser a única que não pretendeu a exploração nem o lucro a partir do comércio de vidas humanas. Segundo o autor, a equipe de estudiosos holandeses, com destaque para Pies e Marc Grave, visava estudar e conservar as riquezas descobertas nos novos domínios

Com a finalidade de divulgar esta visão que recupera a presença dos holandeses no Brasil, desde a perspectiva da História das Ciências no país, Juliano Moreira realizou um estudo histórico documental das atividades científicas desenvolvidas pelos sábios batavos no Brasil. A referida orientação contrariava a versão oficial da História que considerava os holandeses como invasores e o período da sua estadia no Brasil como sinistro.

Uma visão panorâmica do estudo aqui empreendido permite destacar que o pensamento e as atividades do autor tinham como norte tanto no que se refere à produção no âmbito das moléstias nervosas quanto à História das Ciências evidenciarem os efeitos do preconceito na elaboração do trabalho científico.

Na Psiquiatria isso está fortemente representado na crítica ao conceito de clima e raça como elementos determinantes na definição de quadros psicopatológicos.

3 . JULIANO MOREIRA NA BAHIA (1891-1903)

3.1 CONTEXTO DE UMA OBRA

3.1.1 A Escola e depois Faculdade de Medicina da Bahia

Ao desembarcar no Brasil – fugindo do cerco de Napoleão – D. João VI orientou as suas atividades para a organização institucional da colônia. Havia necessidade de estabelecer a ordem e “civilizar”, ou seja, europeizar a sociedade.

Desta época datam a fundação dos primeiros estabelecimentos de caráter cultural como a Imprensa Régia, o Real Horto e o Museu Real.

A demanda de lazer, moradia e higiene dos nobres portugueses estabelecidos no Brasil precipitaram a modernização e o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e a fundação de instituições de ensino superior.

No período anterior à presença da corte no Brasil, devido à proibição de se instituírem escolas de nível superior na Colônia, os jovens brasileiros, que quisessem dar continuidade aos seus estudos, deveriam emigrar para Portugal ou

para outros países da Europa. A proibição de ensino superior era um ponto básico da política de Portugal com relação ao Brasil colonial

No período que se estende do século XVI ao início do século XIX, os profissionais habilitados, portadores de licença, de diploma ou carta para exercer a Medicina no Brasil foram os físicos, principalmente os licenciados pela Universidade de Coimbra e os aprendizes ou ajudantes que recebiam dos seus mestres licenciados “carta” para atuar como cirurgião barbeiro, categorias que por sua vez sofriam a concorrência dos “práticos”; leiam-se curandeiros, pajés e boticários, que escapavam quase que totalmente ao poder da Fisicatura (MACHADO, 1978).

Foi assim que no contexto das demandas da formação de quadros profissionais locais foram criadas, em 1808, as Escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 1992, p.76, 89; TEIXEIRA, 1999, p.116).

A lei de três de outubro de 1832 transformou as Academias (do Rio de Janeiro e da Bahia) em Faculdades de Medicina (OLIVEIRA, 1992, p.90). O ensino seguia o modelo das instituições francesas de ensino superior.

Podemos sintetizar a prática médica do século XIX, no império, como uma medicina que procurava seccionar o mal. Predominou nesta época a cirurgia espoliativa, figurando as amputações em primeiro lugar na estatística operatória. Não se conservava e nem refazia, retirava-se (SANTOS FILHO, 1968).

Em 1891, o governo da República promoveu a reforma da Faculdade de Medicina, a partir de então o ensino na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) passou por diversas reestruturações. A institucionalização e modernização da FAMEB se deram paralelamente ao processo de reconhecimento da profissão de médico, atividade que exigiria a partir de então conhecimentos diferentes daqueles

adquiridos de maneira artesanal como era característico dos práticos (BARROS, 1997).

A necessidade da reforma do ensino da Medicina e da regulamentação do exercício da profissão eram prementes. O movimento de especialização do conhecimento e de tecnificação das atividades do mundo do trabalho, evidentes em outras áreas produtivas e de serviços, começaram progressivamente a invadir a prática médica. Evidenciavam-se outras formas de exercício da Medicina no Brasil, que rivalizavam com aquela dominante do final do século XIX (PEREIRA NETO, 2001).

A modernização da medicina clínica devia enfrentar um sistema de privilégios para tornar eficaz a vigilância à saúde.

O malogro de todos os projetos de reforma do ensino superior manteve o ensino nos mesmos vícios durante todo o século XIX. O sistema manteve a sua característica livresca, baseado na oratória, com poucas aulas práticas e experimentais, além da falta de material e equipamentos adequados para realizar os estudos necessários a cada departamento ou disciplina.

Na memória histórica sob sua responsabilidade, Alfredo Brito (1904) diz: “Fossem-nos julgar pelos nossos monumentos legislativos e seríamos, talvez, o primeiro dos povos em civilização e progresso” (p.4).

Em particular, no que diz respeito ao ensino médico, que ainda era verdadeiramente embrionário em 1874, teve avanços na sua concepção formal na reforma de 1882, que trazia uma reorganização em moldes apresentáveis. O Professor Lefort, estudando naquela época o ensino em quase todos os países, dizia ser a nossa organização médica superior a de Paris, “no papel já se vê”, comentava com ironia (BRITO, 1904).

Afora o panorama aqui apresentado e além dos limites institucionais do ensino médico baiano, surgiu um grupo que, posteriormente, foi denominado de Escola Tropicalista da Bahia (ETB). Em princípio suas atividades se deram na margem oposta da Faculdade de Medicina da Bahia.

É importante que as dicotomias sejam contextualizadas no interior de uma dinâmica que aponta as redes de significados que tramam o fato histórico.

Desta forma, destacar que estava em curso uma situação de tensão entre o poder imperial e as iniciativas dos acadêmicos que, com freqüência, abraçavam o *status* da carreira médica junto a aspirações políticas, possibilita retomar os acontecimentos que, sem desconsiderar as mazelas vividas pela medicina oficial, iriam relativizar as circunstâncias.

O principal, provavelmente, foi que, após os anos 80 do século XIX, os “tropicalistas” foram quase totalmente absorvidos pela própria Faculdade de Medicina. Alguns de seus membros tornaram-se professores e, mais tarde, diretores da instituição oficial (MAIO, 2005).

3.1.2. Os Médicos Estrangeiros

O Brasil e, especialmente, a Bahia eram inteiramente dependentes da cabotagem estrangeira para comércio internacional. Navios de todas as bandeiras freqüentavam o “quadrado” do porto da Bahia - abrigo, entreposto e estaleiro de quantos portos europeus e de outros continentes demandassem, “além do Atlântico tropical, as costas do norte e sul americanas do Pacífico, os portos da China e do Japão, ou as distantes ilhas da Indonésia” (TEIXEIRA, 1986, p. 33).

Além desse centro dinâmico como cidade à beira mar e com todas as mazelas de uma urbe portuária, a consideração tanto da cidade, quanto do porto, desde o ponto de vista sanitário adquire sua significação mais profunda no período. “Salvador, a cidade ardente, quer pelo sol dos trópicos, pelas rebeliões escravas, quer pela presença da febre amarela e da cólera morbo, era em meados do século XIX um pólo aglutinador de homens e negócios” (BARRETO & ARAS, 2003, p 4). A circulação de navios, mercadorias e pessoas marcam a nova presença do Brasil no mundo ocidental.

Eram muitos estrangeiros que vinham morar tanto na capital como no interior do estado, muitos deles alemães trabalhando com a exportação do fumo.

A presença dos alemães ficou mais evidente com a abertura do Consulado de Hamburgo em 1820. Em 1827 foram regulamentadas as relações comerciais e de navegação

Assim veio a mais ampla gama de profissionais - chegaram ferreiros, carpinteiros, professores e médicos. Entre as preocupações dos imigrantes estava a saúde dos colonos. Médicos alemães atravessavam o Atlântico para vir trabalhar no Brasil e atender as demandas de cuidados de seus compatriotas.

O panorama indicava naquele momento que, além dos esculápios que se formavam na Escola de Medicina da Bahia, estavam os médicos vindos da Alemanha, entre eles Otto Wucherer.

A relevância dada à referida personagem está embasada não só na importância que teve na constituição da Associação de Facultativos (MOREIRA, 1912, p. 46), posteriormente conhecida como Escola Tropicalista da Bahia, mas também pelo vínculo de Wucherer com dois cientistas alemães que, segundo resgate feito com a documentação acessada, foram “modelos” de desempenho

profissional que impressionaram ao jovem Juliano. Estamos nos referindo a Virchow e Griesinger.

A atuação de Otto Wucherer teve forte influência dos princípios da medicina social do patologista Rudolf Virchow (1821-1902) e ele também se relacionou com os parasitologistas mais destacados da época, entre os quais o alemão Wilhelm Griesinger (1817-1868); mas foi o diálogo profícuo com os seus pares que veio a inseri-lo no campo de observação médica da Bahia escravista (BARRETO E ARAS, 2003). O grupo de médicos estrangeiros era composto pelo português, de ascendência (e formação) alemã, Otto Edward Henry Wucherer; o inglês John Ligertwood Paterson; e o português José Francisco Silva Lima.

3.1.3 Escola Tropicalista da Bahia (ETB)

A Associação de Facultativos, que, em meados do século XIX, fundou a corrente de Medicina experimental, denominada contemporaneamente como Escola Tropicalista da Bahia, permitiu posições originais. Elementos da topografia e geografia médica foram os instrumentos utilizados para pensar uma ampla faixa de fatores sociais e higiênicos que somados às características físicas e geográficas da região passaram a ser objeto de estudo na investigação médica.

Na investigação sobre a tuberculose na Bahia, os médicos oitocentistas da Escola Tropicalista da Bahia estavam preocupados com as relações entre a pobreza e o grande contingente de tísicos que engrossavam as fileiras da população carente da época, na sua maioria escravos ou alforriados; muito antes do que as

autoridades sanitárias se advertissem da gravidade do problema no que diz respeito à saúde pública (WUCHERER, 1869; LUZ, 1982).

A prática e o ensino dessa Medicina, que se contrapunham à teoria miasmática, orientação pela qual se formavam os médicos nas Faculdades de Medicina da Bahia e o Rio de Janeiro, era exercido informalmente na Santa Casa da Misericórdia, local privilegiado para o procedimento de observações dessa medicina experimental (BARRETO E ARAS, 2003).

A divulgação dos estudos realizados por esta “associação de facultativos” era feita através do periódico “Gazeta Médica da Bahia”, lançado em Julho de 1866. Na conferência de 1913, ao tratar do desenvolvimento das ciências médicas no Brasil e, mais especificamente, na Bahia, Juliano Moreira diz:

Por meados do século XIX floresceu na Bahia uma tríade memorável de médicos a qual muito deve a medicina nacional: foram Wucherer, Paterson e Silva Lima. Provaram eles em 1849 que era de febre amarela a epidemia então reinante na cidade de Salvador. Silva Lima descreveu por primeira vez o ainhum alem de ter estudado com desusado esmero o beribéri e outras doenças aqui reinante. Essa Tríade fundou a Gazeta Médica da Bahia, o mais antigo repositório americano de subsídios para o estudo das doenças nos trópicos (MOREIRA, 1913, p. 46).

O texto que consta na lápide de John Litgertwood Paterson, no cemitério dos Ingleses da Bahia, expressivo no seu valor como documento que testemunha os fatos, extrapola o âmbito da história da ciência médica para fazer parte da história da cidade de Salvador:

Paterson, junto com o alemão Otto Henry Wucherer e o português Silva Lima, foi um dos criadores da Escola Tropicalista Baiana. Inicialmente considerados “forasteiros disruptivos”, enfrentaram os médicos baianos com teorias modernas de contágio quando duas grandes epidemias (febre amarela em 1849 e cólera em 1855) assolaram a cidade de Salvador.

O conteúdo da produção acadêmica de Juliano Moreira que, seguindo o modelo de gnosiologia de doenças brasileiras, rejeita o determinismo racial e

climatológico, especialmente nas duas produções de repercussão no âmbito da FAMEB, como foram a Tese inaugural de 1891 e a defesa apresentada no concurso para Lente Substituto em 1896. É possível aferir que a Escola Tropicalista constituiu, junto com a Faculdade de Medicina da Bahia, um marco na formação médico-acadêmica de Juliano Moreira.

3.2 APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM

Juliano Moreira (1873-1933), baiano de Salvador, nasceu a seis de Janeiro de 1873, foram seus pais Manoel do Carmo Moreira Junior e D. Galdina Joaquina do Amaral. São escassos em seus biógrafos os dados relativos a sua infância e meninice (LEME LOPES, 1963).

Em depoimento oral, o professor e historiador Cid Teixeira² nos fala sobre completa omissão de registro familiar como uma característica da época. No período, constituir família legítima mediante casamento era freqüente apenas para uma pequena casta, a identidade doméstica era uma questão fechada.

Uma cópia do documento que atesta o nascimento de Juliano Moreira encontra-se no Memorial do Hospital que leva hoje o seu nome – na cidade de Salvador. Na mesma consta o nome da sua mãe e do padrinho: o Barão de Itapoã³

² 'Cid Teixeira é um referencial de conhecimento do seu estado, legítimo representante do saber que adquiriu popularidade pelos caminhos do conhecimento, com sua memória invejável. Jamais perseguiu o reconhecimento oficial. Escapou da figura do intelectual clássico, com um perfil bonachão e desapegado da glória. Introspectivo, reservado e discreto com seus assuntos particulares fez de Salvador o assunto de sua predileção.' Assim definiu a professora Consuelo Pondé de Sena. Para conhecer um pouco mais da obra de Cid Teixeira seria preciso pesquisar nos últimos 60 anos de jornais, revistas e rádios, salientou o professor Luiz Henrique Tavares, que assinalou ainda a sua valiosa contribuição para o conhecimento da história da Bahia. Opinião compartilhada por Waldir Freitas que traçou um perfil do professor e o seu tempo, desde a década de 40. Destacou sua brilhante atuação no Centro de Estudos Afro-Orientais, como membro da Academia de Letras da Bahia, à frente do programa da Rádio Cruzeiro, *Pergunte ao José*, onde esbanjava sabedoria sobre a história da Bahia" - líder de audiência na década de 70. 'Costumo dizer que Cid Teixeira é a inteligência mais utilitária da Bahia', arrematou a presidente do Conselho Estadual de Cultura, Eulâmpia Reiber, para quem o professor é presença importante e constante nos grandes projetos culturais da cidade (Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia. www.act.gov.br . Em 10/03/06.

³ Adriano Alves de Lima Gordilho - agraciado com o título de Barão (2º) de Itapoã (Dec. 27.03.1872). Nasceu a 12.08.1830, no Engenho Sant'Ana de Mapele, São Miguel de Cotegipe, BA e faleceu a 18.10.1892. Diplomado em medicina, pela Faculdade

Na tese inaugural de Juliano Moreira os dados de identificação do autor são: “Juliano Moreira, filho de Manoel do C Moreira e Galdina Joaquina do Amaral”, nos agradecimentos do mesmo texto, faz-se referência ao nome de seu padrinho “o mestre e professor aposentado Barão de Itapoá” (MOREIRA, 1891).

Segundo Alexandre Passos (1975), o pai de Juliano era inspetor de iluminação pública. Mas é na pena do poeta Jorge de Lima (COUTINHO, 1958) que encontramos uma referência a imagem construída para a cidade de Salvador pelo biógrafo de Juliano Moreira. O poeta, em seu soneto “O Acendedor de Lampiões” descreve a presença de uma figura habitual nas capitais brasileiras antes da expansão da eletricidade:

*Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!
Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que à noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente...*

de Medicina da Bahia [1851]. Foi enviado por seus pais à França, para realizar estudos de aperfeiçoamento. Opositor da Cadeira de Anatomia Descritiva, em Salvador [1856]. Lente de Anatomia descritiva [1862]. Catedrático de Anatomia Descritiva [1862]. Transferido para a Cadeira de Partos [1876]. Aposentado, a seu pedido, a 13.10.1890. Comendador da Ordem da Rosa. Conselheiro do Império [1882]. Teve mercê da Carta de Brasão de Armas. Com geração dos seus dois casamentos: o primeiro, com Marie Augustine Blenard Boucheni, nascida cerca de 1834, Departamento de Dauphine, França e falecida a 18.02.1879, no Engenho Olaria, Freg.ª de N.ª S.ª do Ó de Paripe, BA, primeira baronesa de Itapoã; o segundo, cerca de 1881, com Margarida Conceição Moreira Basto, falecida antes de 1892, segunda baronesa de Itapoã.

3.2.1 Formação do médico e cientista

Juliano fez seus estudos humanísticos no Colégio Pedro II e no Liceu Provincial.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1886, o berço do ensino médico no Brasil e, em 1891, aos 18 anos de idade, concluía seu curso. Defendia tese e lograva o grau de doutor com um trabalho sobre a “etiologia da sífilis maligna precoce” (MOREIRA, 1891).

A referência aos dados descritivos favorece a localização temporal da personagem abordada, porém não esgota as possibilidades como modo de apresentação. Tem-se, ainda como efeito do processo de leitura da obra, uma “percepção” bastante clara da consciência do autor, que, desde 1891, problematiza a relação de dominação estabelecida pelo colonizado, a escravidão e o maltrato aos indígenas, analisando o fato desde o ponto de vista da Medicina, da Psiquiatria e da História do Brasil.

Segundo Roberto Machado *et al.* (1978), a questão do negro para o pensamento médico da época merece ser interrogado. Existiu uma reflexão médica que abordou especificamente a condição do escravo? Como a abolição da escravatura muda à relação do acesso do individuo aos cuidados médicos na sua condição de cidadão? Estas questões se tornam mais relevantes no momento em que a Medicina aproxima-se do núcleo das medidas, que, no Brasil, propõe-se a instauração de uma sociedade civilizada, fundada no livre arbítrio da cidadania.

A inserção de Juliano Moreira, no contexto que os autores acima delimitam, é objeto da consideração deste estudo desde que, o próprio Juliano Moreira o evidencia nos seus textos, sempre sensíveis ao drama social da

escravidão e denunciadores do enriquecimento ilícito dos que comerciavam com vidas humanas (MOREIRA, 1905; MOREIRA, 1917).

José Leme Lopes, descreve Juliano Moreira como mestiço autêntico, tornou-se como outros brasileiros de origem africana um verdadeiro líder de sua classe e de sua profissão (LOPES, 1963 p. 16).

3.2.1.1. A Tese Inaugural 1891

A escolha do tema é um aspecto importante da tese de Juliano Moreira, ele próprio o revela: “Aguardei a abolição”, assim se refere à expectativa de que a Tese deixasse de ser um requisito obrigatório para a obtenção do grau de Doutor, mas obteve outro benefício, com a modificação das regras, que deu maior liberdade para a escolha do tema da tese. A referida mudança estava inserida na reforma do ensino em consequência da instauração do regime republicano. Processo que teve expressão na FAMEB, no sentido de um esforço que se orientava para a emancipação da formação profissional, até então sujeita à tutela exercida pela burocracia imperial. Nesta conjuntura é possível que o gesto do jovem Juliano tenha o sentido de uma ratificação da reforma que estava sendo promovida na Faculdade.

Ainda em relação à escolha do tema Juliano Moreira diz: “sustentei por momentos a veleidade de ser experimentalista e fazer um estudo com o sangue dos sifilíticos” (MOREIRA, 1891, p 6).

Após meditar sob a questão, resolve abordar a Sífilis Maligna Precoce. Mas, em função da amplitude do tema, tratará exaustivamente apenas da ‘etiologia’ da sífilis maligna precoce.

Parece relevante a expressão ser experimentalista, desde que aponta ao período, em que está em processo uma inflexão (MAIO, 2005) na trajetória de profissionalização da medicina “acadêmica”. Foi a partir de então que emergiu uma nova representação sobre os fundamentos do saber médico, expressa pela noção de medicina experimental.

Observa-se na tese que, sendo a sífilis maligna seu objeto central, o autor apresentou de modo muito breve algumas referências ao quadro de paralisia geral progressiva, típico de uma sífilis terciária (JACOBINA, 2005)

Seu foco principal é refutar a tese da influência climática e, de modo mais velado, determinação étnica.

É no capítulo XII: *Clima e Sífilis*, que a divergência com a orientação hegemônica da medicina da época, sobre a influência climática e étnica na gênese e malignidade da sífilis, é evidenciada. Para Juliano Moreira, “a sífilis está espalhada pelo globo – em razão inversa da higiene – com higiene a sífilis se tornará rara e benigna” (MOREIRA, 1891, p. 141). Questiona a aceitação sem detalhado exame de asseverações mal fundadas. Com a finalidade de explicitar a natureza do problema, utiliza como recurso uma metáfora: a aceitação de um quadro no qual o pintor não utiliza todos os meios técnicos para reproduzir uma paisagem com os quais pode dar conta das nuances do objeto retratado, porém sua pintura é aceita como válida.

Especifica que o conceito clima tem um sentido preciso na área médica e o sublinha: não é o clima dos astrônomos, nem dos botânicos ou dos metereologistas, é o clima como deve entendê-lo o médico (MOREIRA, 1891, p. 87).

Desde o ponto de vista de uma indagação da ordem racional do discurso médico, que sustentava a questão da raça e o clima como determinantes de patologias específicas nos trópicos, supomos que Juliano Moreira constituiu uma

linha de pensamento diferenciada no interior da FAMEB, influenciada pela corrente de pensamento da chamada “Escola Tropicalista da Bahia”.

3.2.2. Relação com a Gazeta Médica da Bahia

Após sua formatura, Juliano Moreira aceitou ser designado em comissão médica pela Inspetoria de Higiene para prestar assistência aos indigentes acometidos de febres e disenteria na Cidade de Bonfim e áreas circunvizinhas, como a Vila de Campo Formoso. Designado em 6 de abril de 1892, no dia seguinte ele saiu de Salvador, chegando à cidade recém-emancipada no dia 8 de abril. O relatório desta experiência em Saúde Pública foi uma das primeiras publicações e a primeira assinada com o nome por extenso “Juliano Moreira” na Gazeta Médica da Bahia. Ele intitulou “Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892)” (MOREIRA, 1894) e justificou referir-se assim, porque a área onde grassava a epidemia de malária tinha pertencido à comarca de Jacobina, sendo usual a população se referir à região atingida, já pertencente ao município de Bonfim, com o antigo nome.

Em 1893, ele ocupou o cargo de “Assistente” na Cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, cujo catedrático era o prof. Tillemont Fontes.⁴ Logo depois, foi aprovado por concurso e nomeado em 15 de setembro de 1894 para o cargo com remuneração de “Preparador” da Cadeira de Anatomia Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia.

⁴ O primeiro catedrático da cadeira foi o Professor Augusto Freire Maia Bittencourt, em 1886. Oriundo da Clínica Médica, defendeu teses sobre Asma e sobre Paralisia Geral. Ocupou a cátedra por um período curto de tempo, pois, faleceu quatro anos depois da sua posse. O segundo foi o Dr. João Tillemont Fontes, também oriundo da Clínica Médica, foi um batalhador pela reforma do Hospício São João de Deus. Permaneceu um longo tempo (1890-1907) como catedrático (JACOBINA, 2001, p.172-73)

O preparo para o concurso do cargo de auxiliar de ensino na cadeira de Anatomia o estimulou a escrever, ainda em 1893, seu primeiro artigo publicado fora da Bahia, intitulado “Músculo acrômio-clavicular”, publicado na revista “Brasil Médico”. O jovem Juliano tinha menos de quatro anos de formado quando participou da criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia - SMCB, em 18 de novembro de 1894. Na mesma atuou como Diretor dos Anais e membro da Comissão seccional de Dermatologia-sifiligráfia. Seis meses depois de criada, precisamente em 6 de abril de 1895, a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia assinou com a Gazeta Médica um contrato para publicar nesta revista os Anais da entidade.

3.2.3 Concurso para o cargo de Lente Substituto (1896)

Juliano Moreira candidata-se para o concurso de lente substituto da 12^a seção da cadeira de *Psichiatria e Neuralogia* com a tese: *Diskinesias Arsenicaes, nova contribuição, estado atual da questão*. (MOREIRA, 1896).

A repercussão que teve a apresentação do concurso de Juliano Moreira para Lente Substituto entre os estudantes de Medicina da época é recuperada a partir de uma saudação feita por Afrânio Peixoto, na ocasião em que se comemoravam vinte anos de trabalho de Juliano Moreira à frente do Hospício Nacional.

Conheci-te fazendo um concurso na Bahia tão brilhante que a grande congregação dos estudantes, a que pertencias, te consagrou e antes da pequena congregação dos professores, que te fizeram sem igual, tamanho foi o nosso entusiasmo por tua causa, que, no dia em que foste admitido no corpo docente da Faculdade da Bahia nos alunos do sexto ano te nomeamos sextoanista honorário, e te dávamos um

almoço campestre na Cruz do Cosme, como hoje um outro elegante se repete no Jockey Clube (PEIXOTO, 1923, p. 17).

O tema, escolhido por Juliano Moreira (J.M.), segundo ele o revela, foi fruto de um ano de trabalho, de 1893 a 1894, como Assistente da Clínica de Moléstias Nervosas e Mentais, das suas pesquisas experimentais, dos exames laboratoriais, e do seu trabalho de campo tratando das neurosifiloses em suas relações com o clima e a raça.

Estando em fase de elaboração para a publicação do mesmo, resolve aproveitá-lo como tese para o concurso e faz a ressalva de outra forma não seria possível atender a exigência da apresentação de uma tese num prazo tão exíguo. O receio de submeter-se à banca examinadora, ele diz claramente, não está relacionado com o conhecimento, tem se preparado com dedicação.

Pretendo conquistar o lugar de substituto da mesma por isso me reconhecendo desprovido dos dotes *exteriores* que atraem os favores do acaso, nunca passarei tranquilo pelos trâmites emocionantes e às vezes espetaculares de um concurso (MOREIRA, 1896, Apresentação p.I) grifo do autor

Moreira, no seu trabalho de concurso, aborda o arsênico não como arma de tratamento, mas sim de eliminar vidas, uma das funções com que foi utilizado desde o século XIV.

passado o tempo em que a raça dos Borgia consumara seus crimes, diz J.M. , iniciou-se a fabricação e o uso industrial do arsênico. A sua manipulação estava sujeita a acidentes em função de tratar-se de uma substância que pode ser elemento despercebido de morte. (Ibidem, p.I).

A leitura da tese do candidato revela que os seus conhecimentos aliam a Medicina 'ao pé do leito' ao uso dos recursos laboratoriais para compor o que ele descreve como "tacto médico".

O discernimento nos casos descritos por ele é fundamental, pois os quadros apresentados não eram o que pareciam ser: afecções cutâneas em um dos casos, um surto de psicose no outro, e sim, pessoas intoxicadas com arsênico de forma accidental, além do relato de uma tentativa de homicídio ou uso intencional.

Por outro lado J.M. ressalta o papel que cabe ao Estado na regulamentação da venda e distribuição da substância. É relevante sublinhar que no período, final do século XIX, realizar uma polícia médica como forma de neutralizar os focos de doença, ou contaminação, não é uma idéia originária de Portugal. De uso difundido na Europa dos séculos XVIII e XIX, as relações de responsabilidade e controle do Estado com a saúde dos súditos foi pela primeira vez formulada na Alemanha (MACHADO, 1978, p 165).

A consideração feita nessa tese de concurso, diz respeito a uma questão mais ampla que trata das relações entre o Estado, a sociedade e a autoridade do médico como encarregado não só de tratar os doentes, mas também de supervisionar os assuntos referentes à saúde da população. Neste particular a tese do jovem doutor Juliano Moreira, apresentava como inovadora dentro do contexto de ensino da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia.

Ao concluir a apresentação do trabalho J.M. agradece ao Professor Silva Lima pelo apoio na realização de sua tese de concurso e endereça à mesa examinadora sua palavra, expressa com emoção, consciente de que estava enfrentando um grupo de catedráticos, representantes de uma “ideologia” escravocrata:

Para terminar sinto-me obrigado a pedir aos distintos professores da Faculdade da Bahia que não vejam no fato de não lhes pedir eu o voto uma prova do meu orgulho mas sim a manifestação cabal de que os vejo na investidura magistral da inviolabilidade de um juizado

que não pode se enleiar nas teias de um suborno que não sei com que forças deva ser repelido (MOREIRA, 1896).

3.2.4 O Mestre Silva Lima

Silva Lima fazia parte do grupo dos médicos estrangeiros que atuava na Santa Casa da Misericórdia, onde foi mentor de uma vocação pelo estudo e a pesquisa dos discípulos que o acompanhavam na Santa Casa, reduto de trabalho e local de prática, segundo a orientação da medicina alemã.

Foi possível ampliar a observação sob a relação de Juliano Moreira com Silva Lima no artigo que Juliano Moreira escreveu em homenagem ao seu mestre na Revista *Bahia Illustrada* (MOREIRA, 1918), publicada em fevereiro de 1918 a propósito dos 50 anos de existência da Gazeta Medica (1866-1916).

Em relação ao artigo publicado na Revista *Bahia Illustrada*, JM comenta os cinqüenta anos da fundação da Revista à qual se referia na conferência.

Somente hoje tive a satisfação de manusear o numero jubilar da velha Gazeta Medica da Bahia. Nos países novos meio século de existência de uma revista é um acontecimento digno de registro. Foi em 1866 que na venerável cidade de Salvador um grupo de médicos julgou útil sobrepor-se à indiferença dos profissionais do seu tempo, e resolveu completar as reuniões que efetuavam para trocar idéias, com a publicação de uma revista mensal. Silva Lima tanto se acercou daquele tipo do médico perfeitíssimo exigido pelos cânones das mais severas escolas profissionais, que não lhe apuraremos se proveio ou não de nobre estirpe ou de gente de humilde condição. Por seus altos méritos intrínsecos está entre aqueles cujo legítimo renome dá lustre aos seus antepassados em vez de os receber do esplendor da sua origem (IBID., s/pág.).

Juliano Moreira destaca que Silva Lima não exerceu posições no magistério oficial, porém o lugar de médico do Hospital de Caridade lhe deu oportunidade para revelar sua alta capacidade docente (MOREIRA, 1918).

Quando Juliano Moreira publica este artigo já era um profissional de renome e dirigia o Hospício Nacional de Alienados no Distrito Federal há uma década e meia.

Havia-se passado vinte anos desde a defesa da Tese para Lente na Faculdade de Medicina da Bahia, porém o posicionamento crítico em relação ao magistério oficial e a denúncia da prática da discriminação racial estão presentes na releitura dos fatos.

Como diretor do Hospício Nacional de Alienados, JM desenvolveu o modelo de ensino que observara durante os estágios feitos na Europa, criando um campo de práticas da clínica psiquiátrica nesse hospital psiquiátrico.

No que se pode observar é a mesma orientação que o seu mestre Silva Lima, na sua época, praticara no Hospital de Caridade, revelando também sua capacidade docente e, sobretudo, fazendo escola.

No Hospício Nacional, no Rio de Janeiro, a partir de 1903, começou a existir a prática de reuniões para a discussão de casos, estímulo para a publicação e para a pesquisa, fazendo do Hospício um núcleo de trabalhadores, cientistas e professores interessados na assistência à doença mental. Consideramos relevante estas observações, desde que revelam a aproximação e a influência não só do modelo Europeu, como também da denominada Escola Tropicalista da Bahia.

Juliano Moreira não teve no Rio de Janeiro uma Cátedra, sequer um vínculo formal com a Academia. No entanto, toda a manhã, reunia na sala de espera do Hospício os seus médicos e os internos, onde fazia exposição das idéias mais

modernas da Psiquiatria e evidenciava a sua enorme cultura e prática tanto na especialidade quanto no conhecimento geral (PENAFIEL, 1913, p. 126).

Os arquivos do hospício possuíam suas memórias escritas em duas línguas: uma era o português e a outra era alemão ou francês ou inglês. Em razão dos poucos especialistas em neurologia ou psiquiatria, esse periódico circulava mais no exterior do que na nossa terra (PENAFIEL 1913, p126).

3.2.5.O mundo germânico

Segundo o depoimento do historiador Cid Teixeira, Juliano Moreira cultivava amizades na colônia alemã na Bahia. A referida observação soma-se à visão que Lopes Rodrigues, médico interno no Hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, apresenta no livro intitulado “*Juliano Moreira seu tempo, sua obra*” (LOPES RODRIGUES, 1929), no qual reuniu relatos, fotos e cartas que revelam alguns fatos até curiosos, como um sonho que Juliano relata ao autor durante sua viagem ao Japão.

Pensamos que o valor do escrito adquire vulto desde que é uma homenagem feita em vida, o que eventualmente proporciona tanto a leitura quanto à certificação dos eventos ali relatados, pelas próprias personagens que fazem parte desses acontecimentos. A seguir nos apresenta o jovem Juliano:

Sua individualidade marcou uma época reacionária, para se contrapor aos cortesãos da retórica, conferindo à história médica da Bahia o patrimônio extraordinariamente precoce da sua devoção. Quero dizer que se mestres houve que pudessem ter exercido uma influência decisiva no seu espírito, não eram baianos. Tanto que a

única influência real, embora afastada e indireta, foi a de Silva Lima. Foi o vulto que mais o impressionou. As razões desta impressão não estavam tanto na obra de Silva Lima, mas, e sobretudo, na estrutura psicológica do objeto impressionável. Estavam em ele, senão a outrem também haveriam impressionado. Tendo recebido influências de Wucherer e Paterson, Silva Lima recebera, de uma feita, cartas de Griesinger e de Bancfort, no sentido de esclarecer no Brasil a questão da febre hemato-chilurica. Este fato, acompanhado por ele na sua adolescência, accordou o orgulho hereditário, na tendência ainda plástica e inédita de um espírito científico em formação. Contra as correntes francesas dominantes, as simpatias pelas correntes alemã e inglesa, despertadas na admiração por estes sábios, casaram-se às largas relações paternas na colônia alemã, domiciliada na Bahia. As tendências da Escola de Silva Lima que assentava os primeiros marcos de nossa Medicina Tropical no Brasil, deram largas ao espírito germanófilo que se estendia em amplitudes de erudição, pela literatura e pela Medicina Tedescas (LOPES RODRIGUES, 1929, p. 7).

Por outra parte, temos o depoimento de Roquette Pinto, que diz, na sessão ordinária da Academia Brasileira de Ciências, de 23 de maio de 1933, na homenagem póstuma a Juliano Moreira:

[...] seguia de perto tudo quanto à ciência ia apurando em trabalhos nacionais e estrangeiros, mormente nos que surgiram da benemérita atividade dos sábios alemães. Por isso ele se aproximou de Capistrano de Abreu⁵ (ROQUETTE PINTO, 1933, p. 81).

Ambos os documentos abordam cada um respectivamente a vida da nossa personagem no período da descoberta de uma vocação e na reconstrução de uma época, com a finalidade de retratá-la. Possibilitam a visualização de um “homem” que cultivou ao longo da sua vida o conhecimento da língua e da cultura germânica.

⁵ Historiador. João Capistrano Honório de Abreu nasceu na cidade de Maranguape, em 25 de outubro de 1853. Fez seus primeiros estudos em rápidas passagens por várias escolas. Em 1869, viajou para Recife, onde cursou humanidades, retornando ao Ceará dois anos depois. Em Fortaleza, foi um dos fundadores da Academia Francesa, órgão de cultura e debates, progressista e anticlerical, que durou de 1872 a 1875. Neste último ano, viajou para o Rio de Janeiro e aí se fixou, tornando-se empregado da Editora Garnier. Em 1879, foi nomeado oficial da Biblioteca Nacional. Lecionou Corografia e História do Brasil no Colégio Pedro II, nomeado por concurso em que apresentou tese sobre *O descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI*. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, recusou-se a tomar posse. Dedicou-se ao estudo da história colonial brasileira, elaborando uma teoria da literatura nacional, tendo por base os conceitos de clima, terra e raça, que reproduzia os clichês típicos do colonialismo europeu acerca dos trópicos, invertendo, todavia, o mito pré-romântico do «bom selvagem». Morreu no Rio de Janeiro, aos 74 anos, em 13 de agosto de 1927. Nome da página: Capistrano de Abreu. Publicado por: Wikipédia, a encyclopédia livre. Data da última revisão: 2 Março 2006 13:24 UTC Data em que foi acessado: 16 Março 2006 20:04 UTC URL permanente: http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Capistrano_de_Abreu&oldid=15447445

3.2.6. Viagens de estudo ao exterior e seu registro em publicações locais e nacionais

Na fase baiana de sua atividade científica e profissional cultivou dois campos paralelos com igual maestria: a dermatologia e a neuropsiquiatria. Ao partir para Europa, fixou-se no serviço do Professor Unna⁶, onde desenvolvera pesquisas sobre o Ainhum, que foi uma doença muito comum na África Ocidental e significa, na língua ioruba, serrar, cortar. O primeiro relato dessa patologia foi feito em 1860, por Clark, que se referiria a ela como gangrena seca dos negros. Entretanto deveu-se a Silva Lima, em 1867, na Bahia, a primeira publicação extensa sobre o tema, seus aspectos etiológicos, histológicos e tratamento (SILVA LIMA, 1867)

Para completar a formação sobre as doenças do sistema nervoso, que era um terreno muito pouco explorado entre nós (PENAFIEL, 1913; LEME LOPES, 1964), Moreira freqüentou no final do século XIX os serviços de Jolly, Hitzig, Flechsig, Kraft-Ebbing, ouviu lições de Raymond, Dejérine, Gilles de Tourette, Brissaud, Garnier, Mágnam e visitou clínicas na Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália, França, Áustria e Suíça.

Dessas viagens trouxe uma visão nova e o entusiasmo pelos novos métodos e técnicas que a psiquiatria começava a ensaiar.

No Brasil, a instituição asilar foi fundada quarenta anos antes da existência de um ensino formal da especialidade, ficando assim a assistência sob a responsabilidade de leigos, diferentemente da Europa, onde a prática do alienista

⁶ Paul Unna nasceu em Hamburgo (08/09/1850) e foi tardivamente, em homenagem à tradicional família materna de médicos de Hamburgo desde o século 17, que incorporou o sobrenome Gerson ao seu de batismo, tornando-se assim Paul Gerson Unna. Seu pai foi respeitável clínico geral, assim como três de seus filhos (Karl, Paul Jr. e Georg Wilhelm) dermatologistas, e o quarto, Eugen, farmacêutico. Sua formação médica na graduação deu-se nas Universidades Heidelberg, Leipzig e Strassburg, e foi em Viena, atraído pela fama dessa Escola (Hebra, Kaposi e Auspitz), que fez a pós-graduação em dermatologia. Seu interesse pela especialidade já se define em sua dissertação inaugural quando, sob orientação do anatomista Waldeyer, apresentou a tese "Contribuição à Histologia e Formação da Derme e seus Anexos". bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/.../trajetoria/volta_brasil/hamburgo.htm - 26k - biblioteca virtual adolfo lutz 16/03/06

estava sustentada nas atividades desenvolvidas no asilo. Sem alienistas não havia asilo e vice-versa.

Comentaremos a seguir os artigos que envia da Alemanha, onde ele descreve ao longo da viagem, e durante a passagem em cada local, as clínicas de Leipzig, Halle, Wurzburg, evidenciando a necessidade da prática da assistência aos alienados em clínicas universitárias. Os artigos foram publicados na Revista dos Internos dos Hospitais da Bahia.

Outra publicação que será comentada refere-se à introdução no Brasil da “clinoterapia” no tratamento com pacientes psicóticos, divulgada nas páginas do semanário “Brasil Médico”.

Esse conjunto de artigos trata da especialidade que já se definia como sua vocação principal: a Psiquiatria.

Posteriormente, comentaremos sobre o artigo onde Juliano Moreira nos revela a figura do médico alemão Rudolf Virchow. Por fim, abordaremos seu registro com as notícias do XIII Congresso de Medicina de Paris e da crescente especialização e diferenciação entre a Psiquiatria e a Neurologia, ambos publicados na Gazeta Médica da Bahia.

Revista dos internos da Bahia

A experiência vivenciada nos grandes centros universitários da Alemanha, especialmente nas clínicas psiquiátricas de Wunswurg, Halle, e Leipzig, serviu de paradigma para instruir os seus jovens leitores do grêmio de internos dos hospitais da Bahia, sob o funcionamento dos modelos de assistência na Alemanha, desde final do século XIX.

Nos seus relatos mantém a pugna pela melhoria das condições de assistência aos alienados no Brasil e, especificamente, na Bahia, e para tal fala identificando-se como Professor Substituto de Psiquiatria e Neurologia da Faculdade de Medicina da Bahia.

De um preposto do ensino oficial jamais conseguiu calar seu pesar pelo anômalo estado de coisas de seu tempo e que em nome dos que sofrem sempre articulou suas queixas, até que surjam os tempos em que possamos, sem enrubescer, mostrar onde e como tratamos os nossos semelhantes que ensandecem (MOREIRA, 1902, p.19).

O artigo coloca a par seus leitores, não só de como era realizada a assistência nos centros europeus, como também da situação no Brasil, destacando o trabalho de Franco da Rocha em São Paulo: “*O Asilo colônia de Juquery tão científicamente delineado e dirigido pelo Dr. Franco da Rocha*” (MOREIRA, 1902, p.19).

Ao falar das clínicas universitárias nos centros europeus, Moreira se refere à necessidade da reforma do sistema de ensino da Psiquiatria no país, em especial na Bahia:

A federação que em suas faculdades médicas promete, aos que se matriculam em seus cursos, instrução em matéria de psiquiatria, tem o dever de prover o ensino da mesma de um campo de demonstrações práticas, de uma clínica enfim. A Faculdade do Rio de Janeiro de alguns anos a esta parte possui pavilhões onde seus alunos podem familiarizar-se com as diversas modalidades de desvios mentais; A Faculdade da Bahia por seus alunos tem o inadiável dever de solicitar a melhora de estéril estado atual de coisas (IBID., p. 19).

Esses artigos (1902; 1901a; 1901b) publicados na Revista dos Internos, entre Dezembro de 1901 e Maio de 1902, são ricos em detalhes que revelam a história de cada instituição, delimitando com clareza as atividades disciplinares de ensino e pesquisa, constituídas em torno das moléstias mentais.

Descreve as clínicas psiquiátricas européias como não sendo destinadas apenas a guardar loucos, pois o movimento de entrada e saída de pacientes era

muito intenso. Coloca o leitor a par das estatísticas, do número de leitos, altas, média de permanência dos pacientes, entre outros indicadores.

Destacava no sistema de assistência europeu a ausência de camisa de força como medida de controle dos pacientes agitados, bem como descrevia a formação e treinamento de quadros de enfermeiros especializados para a função da assistência aos alienados.

Referiu também as atividades de ensino nas quais participou, tendo oportunidade de conhecer Wundt, Flechsig, Charcot (MOREIRA, 1901a, p.3), enfim traça o plano e fundamenta a visão sempre instando a que seja feita esta reformulação da assistência na Bahia.

No dia em que a Faculdade de Medicina da Bahia puder dispor de verba para a construção de uma clínica urbana onde possa fornecer aos seus alunos ensino da psiquiatria, creio que poderá, feitas as devidas adaptações, adotar um sistema em que os úteis ensinamentos possam ser aproveitados (MOREIRA, 1902, p. 43).

Revista Brasil Médico: Difusão da Clinoterapia

O Brasil Médico é um semanário oriundo da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, que estava destinado à divulgação de atualidades de interesse médico, fundado vinte anos após a Gazeta Médica. O semanário apresentava características que o distinguiam como um jornal dinâmico, que tanto utilizava recursos da propaganda oferecendo brindes aos novos assinantes, como contava com os recursos financeiros da publicidade que veiculava para sustentar-se.

Juliano Moreira publica ao retornar da Europa e ainda residindo na Bahia, o artigo: "A difusão da clinoterapia no tratamento das psicoses" (MOREIRA, 1901a).

Divulgando o que vira e aprendera na Alemanha, inicia um movimento para promover as modificações que se julgavam imprescindíveis de serem empreendidas em nível nacional no tratamento oferecido nos asilos brasileiros.

O artigo contém um exaustivo e minucioso relato das clínicas e hospitais nos quais o psiquiatra baiano estagiou. Adverte que a prática da clinoterapia nos asilos da Europa e dos Estados Unidos estava em vigor desde final de 1890.

O autor trata com relevância o que distingue a clinoterapia de outros tratamentos. A observação concorre para descrever o momento em que JM, “trabalhando” na implantação de um novo modelo de assistência aos insanos, consagra a científicidade do conhecimento psiquiátrico como um ramo da Medicina. A ruptura com a orientação da escola francesa está presente nas entrelinhas do texto. Era a França o único país da Europa onde a clinoterapia não era utilizada no tratamento dos insanos. Como consequência, a falta de divulgação da técnica repete-se no Brasil. Na época, a orientação da escola francesa era hegemônica no país. O autor considera a terapêutica como uma intervenção de valia na abordagem dos pacientes que ingressavam ao internamento; pois permitia a redução significativa da necessidade de outros recursos de contenção, como por exemplo, a camisa de força. Destaca o papel do enfermeiro desde que, cuidando de um paciente no leito, terá uma visão do doente mental como um enfermo que requer cuidados médicos.

Sugere que um prático, e não apenas um alienista, poderia conhecer e dominar a aplicação deste recurso para ser utilizado como intervenção terapêutica.

Na sua alentada “militância” pela reforma da assistência aos alienados, sabia da situação de todos os asilos brasileiros.

Tinha notícias de que a clinoterapia como meio de intervenção ainda aguardava no Brasil ser recepcionada como estratégia de abordagem, tendo ele próprio aplicado essa técnica durante o estágio em que esteve estudando na Europa e em atendimentos particulares na Bahia. Aguardava ter em breve um local adequado para a referida prática no Asilo São João de Deus, o manicômio administrado pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

A exceção de São Paulo, onde Juliano Moreira sempre encontrou um “multiplicador” das ações de modernização – Franco da Rocha, no Asilo-Colônia Juquery. Seu colega paulista vinha aplicando a técnica desde 1899 (MOREIRA, 1901a).

Juliano Moreira refere-se aos locais onde os “novos” princípios de tratamento das moléstias nervosas estavam vigentes como “instituições construídas cientificamente”. Na América do Sul, só o Hospital Interzonal Psiquiátrico do Dr. Domingo Cabred divulgara num Congresso a utilização do sistema *open door* e a clinoterapia no referido Hospital, na cidade de Buenos Aires.

Moreira (1901a) ressaltava os benefícios da aplicação da técnica por proporcionar conforto ao paciente e tranqüilidade ao local do internamento. Destacava que essa técnica de aplicação individual não era feita para todos os pacientes, senão para aqueles que poderiam beneficiar-se dela.

Gazeta Medica da Bahia:

a) Sobre o médico alemão Rudolf Virchow.

O texto inserido dentro da seqüência da temática que já representava seu interesse pela Psiquiatria, é relevante pela época, por abordar os traços gerais da vida do cientista que foi o interlocutor de Otto Wucherer.

Juliano Moreira apontava o efeito negativo da glorificação embutida nas biografias oficiais e propunha uma leitura da vida de um cientista como aquela que não se deixa emoldurar (“encaixilar”), pois a “glorificação ainda em vida faz por vezes perder o glorificado a força da contemporaneidade” (MOREIRA, 1901b, p. 149).

Durante o XIII Congresso de Medicina de Paris, em 1900, Virchow foi aplaudido de pé pelo público presente ao referido evento, entre os quais estavam seus discípulos e oito mil médicos do mundo inteiro, relata Juliano Moreira (1901b).

A história da medicina reconhece Rudolf Virchow como célebre patologista e político progressista (GAY, 1989). Ele é o mentor da orientação médico-social, na qual a etiologia das doenças envolvia, também, a situação e condições de existência da população (ROSEN, 1980; 1994). Para Virchow, o conhecimento científico são as diversas relações do ser que pensa com o mundo que muda (MOREIRA, 1901c, p. 158). “Ele nunca esqueceu que pertencia ao seu país e não somente à ciência” (Ibid, p. 166). É o comentário com o qual Juliano Moreira sela a frase de seu mestre. É significativa a fala do médico baiano; nela resgata o conhecimento na sua relação com a idéia de Nação. Uma “preocupação”

que atravessava a produção dos cientistas brasileiros da época: o conhecimento como um caminho para a construção da Nação.

Certamente o desdobramento desta suposição mereceria um aprofundamento, mas em relação à compreensão do pensamento de Juliano Moreira será possível observar que a idéia de Nação, para o nosso autor, toma o viés de uma “defesa” da igualdade racial no Brasil pós-abolicionista e republicano, donde o futuro da nação e a incorporação de amplos segmentos da sociedade ao mundo do trabalho e da política, sob novas formas, tornaram-se uma questão central.

É possível que a visão de Virchow “do ser médico”, enriquecido pelo interesse do conhecimento sócio-antropológico e médico-social conduza à formação de um diálogo que Juliano Moreira tentou estabelecer com a Psiquiatria, através do estudo da doença mental em diversos grupos étnicos. Leme Lopes diz:

Pela sua condição étnica, por sua nacionalidade, por sua formação médica, iniciada na Bahia e continuada nos centros mais adiantados da Europa, Juliano Moreira teve sempre um grande interesse pelos aspectos culturais da psiquiatria e pelo que se chamava patologia comparada e agora se diz transcultural (LEME LOPES, 1964, p.16).

Ainda em relação ao mestre, Juliano Moreira sublinhava que um ano antes de ser publicada a obra de Darwin “A origem das espécies”, Virchow propôs que a mudança e transmutabilidade das espécies eram a base necessária da teoria mecânica da vida (MOREIRA, 1901b, p. 156), embora tenha assumido uma posição de resistência às idéias darwinianas.

Na apresentação que o psiquiatra baiano faz do sábio alemão, também constrói a sua própria visão do que é ciência e do que é ser médico, segundo uma orientação da medicina científica. Diz Juliano Moreira (1901b):

Virchow foi quem primeiro afirmou que os fatos de observação e experimentação deviam ser a despeito das dificuldades em reuni-los e estabelecer as únicas bases da medicina científica... o estudo conscientioso do organismo deve ser precedido do conhecimento profundo do desenvolvimento gradual do corpo humano (p.153)

Esta é à base da divergência com a orientação médica francesa, apontada por Moreira (1901b, p.153) como uma aliança entre o racionalismo arbitrário e o empirismo.

Virchow se ocupou também da educação, produzindo uma série de manuais de divulgação de conhecimento médico para leigos. O renomado anatomo-patologista é definido por Juliano Moreira como um epidemiologista em função das observações, desde o ponto de vista médico e social, realizadas durante seu envolvimento com o estudo do “Typhus” e outras pandemias a que foi convocado a trabalhar para debelá-las.

O enfoque neste autor alemão é, também, apreender qual era a compreensão que Juliano Moreira tinha da natureza do empreendimento científico, assim como entender o pensamento que o influenciou. Longe da interpretação dos escritos antigos, substituía a autoridade da retórica no ensino e na pesquisa pelos fatos determinados pela natureza e pela sociedade.

b) XIII Congresso de Medicina de Paris

Durante o referido Congresso, as seções de Psiquiatria e Neurologia foram constituídas como dois setores que tiveram as suas apresentações em momentos e locais diferentes. Durante o Congresso, moções de apoio e reuniões sociais garantiram o bom funcionamento das apresentações.

O nosso interesse é destacar o acontecimento da separação das seções, em função dos campos de atuação das especialidades, particularmente da Psiquiatria. Para tal, tomamos como parâmetro os discursos de abertura de ambos os setores; o da psiquiatria pronunciado por Magnan enunciava que a mesma tem

como objeto tratar das melhorias na assistência aos alienados, considerando que a alienação mental como enfermidade é o que provoca o mais cruel dos infortúnios: a perda da razão (MOREIRA, 1901, p 475).

Por seu lado a Neurologia foi apresentada pelo professor Raymond como a ciência que estuda a fisiologia e a patologia do sistema nervoso, sendo que a sua função prática seria lutar contra os progressos da degeneração e da hereditariedade mórbida, contra a disseminação de infecções os estragos da sífilis e suprimir intoxicações que ameaçam o sistema nervoso como o alcoolismo (MOREIRA, 1901, p. 485).

A separação das especialidades, segundo o relato de Moreira (1901), foi motivo de muitos debates, porém o autor apresentou um esboço da sua própria compreensão. Segundo ele, o estudo de ambas as especialidades resultará em contribuições para o conhecimento de tudo o que concerne ao sistema nervoso normal e patológico.

A Psiquiatria corria o risco de ser englobada pela Neurologia e descaracterizar-se como especialidade médica, tendo em vista que, através da dissecação de cadáveres, um novo modelo de científicidade começou a se impor, reforçando a corrente organicista mais identificada com a Neurologia, em contraposição à tradição classificatória seguida pela Psiquiatria (PONTES, 1999).

Se no século passado a luta era monopolizar o exercício da medicina contra leigos e charlatões (MAIO, 2005), o século XX foi o desenvolvimento e a competição entre os especialistas. Assim observamos que o evento do XIII Congresso reflete o modo como se estabeleceu essa competição no interior da categoria médica. Supõe-se que neste momento Juliano Moreira já estava definido profissionalmente pela Psiquiatria.

4. ECOS DE UMA OBRA: JULIANO MOREIRA NO RIO DE JANEIRO (1903-1920)

4.1. A LIDERANÇA DE JULIANO MOREIRA NA PSIQUIATRIA BRASILEIRA

4.1.1 A questão do Louco do Império à República

A trajetória que culmina com a construção do Hospício de Pedro II foi o resultado de uma sucessão de sugestões, aceitas, encaminhadas e sancionadas durante o governo imperial.

Inaugurado em cinco de dezembro de 1852, teve como intuito celebrizar a maioridade de Pedro II (TEIXEIRA, 1997).

Desde muito cedo o discurso do alienismo brasileiro mostra-se em sintonia teórica com o discurso da Psiquiatria francesa, introduzida no país principalmente por meio do referencial teórico de Pinel e Esquirol e, num segundo momento, de Morel e Magnan (TEIXEIRA, 1997).

O governo republicano desanexa por decreto o Hospício de D Pedro da Santa Casa da Misericórdia, a partir de então a “casa de Orates” passa a chamar-se Hospício Nacional de Alienados.

Quase ao mesmo tempo, aproximadamente a partir de 1890, o modelo teórico que serviu para a criação do antigo Hospício – o alienismo francês - começou a ser contestado e substituído pela teoria de Kraepelin, traçando uma linha divisória na história da Psiquiatria brasileira (PORTOCARRERO, 2002). A denúncia da arbitrariedade da reclusão do louco opõe-se a uma gestão que leve em consideração a vida do doente mental e a natureza de seu distúrbio (MACHADO, 1978).

Em 1899 o governo impôs drásticas reduções orçamentárias e, em 1902, durante o governo de Rodrigues Alves, um inquérito apurou que o Hospício Nacional era simplesmente uma casa para detenção de loucos, onde não havia tratamento conveniente, nem disciplina, nem qualquer fiscalização (COSTA, 1989).

A ineficácia dos hospícios não conseguiu mais ser sanada com respostas políticas e administrativas, era necessário penetrar no interior da ciência da alienação mental (PORTOCARRERO, 2002).

Assim se processa uma transformação não só conceitual, como também das práticas na assistência aos alienados no Brasil. São as críticas que vêm de dentro do próprio hospício que permitem o surgimento de uma nova orientação teórica e prática da psiquiatria.

No complexo processo de apropriação da loucura como objeto de interesse científico, vários aspectos compareceram, entre eles atos institucionais, como a lei de 1903, que definia o campo de atuação do psiquiatra.

Juliano Moreira destacou a lei de 1903 - a primeira lei federal de assistência médica legal aos alienados - como uma das decisões que desde o ponto de vista da história da Psiquiatria contribui para a conformação e afirmação da disciplina como um novo campo de saber.

Essa lei veio para satisfazer as aspirações dos psiquiatras e estabelecer as relações entre o Estado e os loucos. A relação do Estado com os loucos tem um duplo aspecto: de um lado, era o da defesa da coletividade contra o perigo representado pelo louco; de outro era o da defesa do louco contra os abusos passíveis de serem praticados pela coletividade em virtude da "incapacidade" de autogestão do louco (MACHADO, 1978, p. 487).

Ao assumir a direção do HNA, Juliano Moreira trazia da Bahia e de sua experiência européia uma formação médica e científica, à qual sua personalidade daria o atrativo de sedução para os jovens estudantes que se aproximaram do Hospício em fase de renovação (LEME LOPES, 1967, p 2).

A orientação teórica alemã, implementada por Juliano Moreira, modificou o rumo da prática da assistência à doença mental no Brasil. A Psiquiatria como saber disciplinar teve em Kraepelin um autor que abordou a noção de doença mental, segundo a visão das ciências médicas, portanto retirou o conceito do campo da moral e propôs a instituição psiquiátrica como o lugar da cura e do tratamento das doenças nervosas orientado pelo médico alienista.

No Brasil, Juliano Moreira promoveu, a partir das teorizações e das práticas propostas pelo médico alemão, a reforma do sistema de assistência ao doente mental, retirando celas, coletes e outros recursos utilizados pelos leigos na assistência aos alienados.

Teixeira Brandão, seu antecessor, representava a orientação moral da Medicina Mental, sustentada na Escola francesa de Pinel e Esquirol. A formação dos primeiros alienistas passou necessariamente por Paris. Teixeira Brandão, primeiro alienista a dirigir o Hospício D.Pedro II, tinha inegável fascínio não só pelo alienismo, mas por toda a cultura francesa (TEIXEIRA 1997).

A psiquiatria alemã vinha se impondo como alternativa à orientação francesa, pois esta última, por estar caucionada numa concepção moral da doença mental, afastava o alienista da medicina propriamente dita (JACOBINA, 2001, p. 53).

A substituição de Teixeira Brandão por Juliano Moreira no cenário da psiquiatria brasileira representou o triunfo da psiquiatria alemã sobre os ensinamentos, do alienismo francês (RUSSO, 2002).

O professor Henrique Roxo registra que o próprio Juliano Moreira resgatava a figura de Teixeira Brandão, no nascimento da Psiquiatria brasileira e, embora as idéias do organicismo predominantemente alemão fossem se tornando hegemônicas em relação à concepção moral do alienista Teixeira Brandão, Moreira procurava acentuar o incontestável merecimento deste e “ladeava as questões que o pudessem molestar” (ROXO, 1933, p. 2).

4.1.2. Juliano Moreira e a Psiquiatria: a direção do Hospício Nacional de Alienados

Juliano Moreira foi um agente singular do saber médico no momento da estruturação e institucionalização da Psiquiatria como campo autônomo de conhecimento.

O trabalho de divulgação do conhecimento psiquiátrico empreendido por Juliano Moreira teve como suporte: o Hospício Nacional de Alienados (HNA), além do âmbito das revistas científicas nacionais e estrangeiras, que se constituía num centro de interesse privilegiado para a validação e divulgação da Psiquiatria como especialidade no interior da comunidade científica.

A aproximação entre Medicina e Estado assumiu maiores proporções em fins do século XIX e início do XX. O Governo Rodrigues Alves (1903-1906) se constituiu em um marco importante desta relação, pois o governo centrou seu programa de atuação na mudança da imagem do país no exterior, tendo como metas à melhoria do porto, a reforma e embelezamento da cidade e o combate às epidemias. Sua realização ficou sob a responsabilidade de Oswaldo Cruz.

O controle e em alguns casos a erradicação das principais epidemias que assolavam as cidades portuárias, sobretudo a capital federal de então, o Rio de Janeiro, teve uma força política e social. A reforma promovida por Juliano Moreira alcançava a prática da assistência aos alienados. As figuras de Osvaldo Cruz e Juliano Moreira foram comparadas pelo médico e jornalista Carlos Penafiel. A possibilidade deste paralelo surge a propósito da influência da cultura científica alemã na orientação dos cientistas que, ao que consta, assumiram a excelência do ensino livre.

Ambos foram personagens centrais de uma escola, em redor de cada um deles se polarizavam, atraídos pela força desses dois núcleos de trabalho e valor científico, representantes de uma vigorosa vocação profissional, provocando, segundo o jornalista-médico, uma era regeneradora do ensino médico entre nós (PENAFIEL, 1913).

O aprendizado transformou os métodos de estudo e de observação clínica. No Hospício e em Manguinhos se começou a aprender o que não se podia ensinar nas velhas faculdades, onde o ensino era antes teórico que prático (PENAFIEL, 1913, p. 126).

O comentário de Penafiel conduz a observar o contexto em que a Psiquiatria adquire autonomia e começa seu processo de expansão. É o mesmo em que a medicina sanitária passa a interferir na organização do espaço urbano e na condução do cotidiano da população.

Com a incumbência de organizar os serviços de assistência aos alienados do Rio de Janeiro, Juliano Moreira, nomeado diretor do HNA, exigiu e obteve o apoio do governo na promulgação da Lei Federal de Assistência aos Alienados, Decreto Legislativo n. 1132 de 22 de dezembro de 1903. “Era o instrumento jurídico que marcou a consolidação da hegemonia médico-psiquiátrica no cuidado à loucura” (JACOBINA, 2001, p.103).

O programa de reformas do psiquiatra baiano condensava um corpo de idéias a que, desde logo, se deu efetividade. “A adaptação dos seus planos foi instantânea, graças também à vontade de algumas energias superiores que em boa hora o rodearam, assimilando com avidez as reformas impostas pelo espírito novo da psiquiatria hodierna” (PENAFIEL, 1913, p. 123).

Afrânio Peixoto, na ocasião de uma celebração dos 20 anos do Hospício Nacional, fez a seguinte alocução:

Da Bahia viemos e eu reivindico para mim um pouco do que o país te deve pelo que fizeste pela assistência aos alienados, pois fiz o que não saberias fazer, proclamar o teu mérito, até que me ouviram os poderosos. Assim um dia tive a fortuna de ser ouvido e de ir arrancar do recanto de uma ruazinha de São Cristóvão, onde escondias tua desconfiança provinciana para te levar ao Ministério do interior, a tomar posse da tua investidura (PEIXOTO, 1923, p. 17).

Mariza Correia cita Leonídio Ribeiro, em sua biografia inédita sobre Afrânio Peixoto:

Afrânio obteve então de Seabra a nomeação de seu outro mestre Juliano Moreira, para a direção do Hospício Nacional de Alienados, e a sua própria como médico substituindo o diretor no decorrer de uma reforma crítica pela qual passava o Hospício Nacional de Alienados e da qual diria mais tarde “eu acabava, com Juliano Moreira, de destruir casas fortes e camisas de força” (CORREIA, 1998 p. 209).

4.1.3. A Psiquiatria como novo campo de saber

A reconstrução histórica que o próprio Juliano Moreira propôs em 1905, sobre a assistência aos alienados no Brasil e, posteriormente, em 1927, como memória dos oitenta e seis anos da fundação da assistência a insanos no Brasil, são as referências para analisar o processo de instauração da Psiquiatria como área de conhecimento da Medicina (MOREIRA, 1905; 1927).

O decreto da construção do Hospício de Dom Pedro II é o primeiro elemento presente. Posteriormente, a consideração do Imperador Pedro II por aqueles que perderam o equilíbrio das suas funções psíquicas, segundo Juliano, se refletiu no fato de ter enviado para a Europa, com a finalidade de estudar o tratamento dos alienados, os doutores José Clemente Pereira e Antonio José Pereira das Neves.

À diferença da Europa, onde o Asilo nasceu junto com o alienista, no Brasil há uma defasagem entre a criação do asilo e a formalização do ensino acadêmico da Psiquiatria.

No artigo de 1927, Juliano Moreira abordou a história da assistência aos alienados a partir de quatro datas que, segundo o autor, balizaram o campo de desenvolvimento da assistência:

- 1^a - 18 de Julho de 1841 - fundação do primeiro asilo de Alienados (o Hospício D. Pedro II);
- 2^a - 30 de Outubro de 1882 – início do ensino da Psiquiatria no Brasil, com a criação das cadeiras de moléstias mentais no Rio e na Bahia;
- 3^a - 11 de Janeiro de 1890 – volta da administração do Hospício Nacional de Alienados, antigo Hospício Pedro II para o Estado;
- 4^a - 22 de Dezembro de 1903 - promulgação da lei federal de assistência aos alienados (MOREIRA, 1927, p. 130).

O autor reconhecia também como relevante a fundação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, desde que ela foi, nas palavras de Juliano Moreira, “a primeira Associação de especialidade que atinge dois decênios e primeira sociedade científica brasileira voltada para assuntos psiquiátricos” (IBID., p.131). Portanto a associação de especialistas é reconhecida em seu duplo papel, como consequência necessária à instauração e manutenção de um campo de assistência aos insanos.

Juliano Moreira relembrava ao leitor que a Academia de Medicina, antiga Sociedade de Medicina e Cirurgia, faria em breve cem anos. A vinculação da psiquiatria como especialidade da medicina foi situada no pano de fundo dos quase cem anos da Academia. E propôs: “para ratificá-lo façamos a bibliografia das especialidades para ofertá-lo à velha Academia como homenagem ao seu centenário” (MOREIRA, 1927, p. 130).

Outro autor, o também baiano e psiquiatra Lopes Rodrigues, aportava na sua visão da história da Psiquiatria no Brasil três fases que ele identificava na história da Psiquiatria no Brasil e cada uma delas estava ligada a um nome: a primeira, entre 1500 e 1830, vai da descoberta até os protestos da *classe médica*, liderados por Jobim; a segunda fase, que durou 70 anos teve como figura central Teixeira Brandão; e a terceira, aquela que ele próprio estava vivenciando e durava um quarto de século, tinha a atividade ininterrupta de Juliano Moreira à frente de um processo pelo qual já ganhava a posteridade (LOPES RODRIGUES, 1929). Em 1928, um ano antes dessa publicação, Moreira fez 25 anos como diretor do Hospício Nacional de Alienados.

4.1.4. Divulgação do novo modelo de assistência aos alienados

Nos primeiros anos da sua administração, Juliano lutou duramente para implantar novos métodos no tratamento e na assistência aos doentes mentais, foi desde esse lugar de liderança, que orientou e estimulou vocações e deu consistência à escola psiquiátrica.

A influência pessoal de Juliano Moreira foi imensa e integralmente dedicada à implantação e divulgação do novo modelo de assistência aos insanos no Brasil, a partir de 1903.

Os trabalhos que relacionamos a seguir, que abordam a evolução da assistência aos alienados no Brasil, foram produzidos na primeira década do século XX por Juliano Moreira, sendo um deles escrito em co-autoria com Afrânio Peixoto.

Os artigos foram elaborados entre 1905 e 1910 e publicados nos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. A primeira publicação de 1905 é: *Notícia sobre a evolução da assistência aos Alienados no Brasil* (MOREIRA, 1905). Em 1906, no Congresso Internacional de Medicina de Lisboa, apresentou *Les Maladies mentales dans le Climats Tropicaux*, junto com Afrânio Peixoto (MOREIRA & PEIXOTO, 1906).

No ano seguinte, no Rio de Janeiro, a convite do presidente da Academia Nacional de Medicina fez uma conferência sobre a evolução da assistência aos alienados na Alemanha (MOREIRA, 1907). Em 1910 no 4º Congresso Latino Americano discorreu sobre os meios de assistência aos alienados. As intervenções aqui relacionadas se definem por objetivar tanto a implantação do novo modelo de assistência, quanto à divulgação e conformação de um *campo de práticas*.

A seguir trataremos a natureza destas intervenções. O artigo de 1905 procura, em primeiro lugar, interpretar a formação da nacionalidade e daí extrair elementos para explicar os índices de morbidade psíquica entre nos e, em segundo, descrever a assistência aos alienados e o processo de modificação na assistência “fazendo” a memória do movimento médico que deu origem à reforma do hospício.

No que se refere aos índices de morbidade, a orientação de Juliano Moreira é decisiva:

[...] a mestiçagem não é um fato único nem determinante a má natureza dos elementos formadores da nossa nacionalidade deve-se à vasta degenerescência física, moral e social que injustamente se tem ligado ao fato único da mestiçagem (MOREIRA, 1905, p. 5).

Da mesma forma considera que se o tratamento e a assistência aos alienados chegaram tarde ao país, o mesmo deve-se a uma razão vinculada ao processo pelo qual o Brasil foi descoberto e colonizado. Assim destaca o tratamento brutal dado aos escravos, a dominação da população indígena

[...] em troca de uma instrução que nunca foi além do uso das armas de fogo e dos mais rudimentares instrumentos de lavoura, em permuta com as suas poucas moléstias evitáveis trouxe-lhes sífilis, lepra, tuberculose, alcoolismo etc (MOREIRA, 1905, p. 6).

Não deixando de incluir na natureza dos elementos formadores a massa de estrangeiros

Portugal desafogava seus presídios. Vieram também príncipes e altas patentes fugidos à vergonha pública ou ao fuzilamento implacável com que suas respectivas pátrias os estigmatizaram" (IBID., p. 4).

Com fina ironia acrescenta:

Não vão dali concluir não terem aportado ao Brasil bons indivíduos! Se não tivessem vindo, onde ir buscar a razão de ser de tanto caráter bom, puro? Se forem minoria chegam, todavia para nos dar o belo verniz da sociedade civilizada (IBID., p. 4).

O autor sinaliza que a aparente digressão teve a finalidade de, em primeiro lugar, discutir a afirmação que considera a miscigenação racial como um valor determinante nas causas da degenerescência, é relevante destacar que J.M. aceita o conceito de degenerescência, mas polemiza a questão da raça ser considerada um fator único nesse tipo de compreensão. Em segundo lugar, quis esboçar que, se há fatores que contribuem para a maior freqüência da alienação mental, esse fator decididamente, segundo seu pensamento, não é a miscigenação, particularmente com a raça negra.

Em relação à situação da assistência, asseverava que, até o começo do século XIX, os "mentecaptos" eram tratados segundo sua condição social e grau de agitação, sendo que os de família abastada poderiam ser internados na Europa ou permanecer em algum cômodo da sua residência, amarrados caso estivessem agitados. Os pobres tranqüilos vagueavam pela cidade e os agitados eram recolhidos nas cadeias onde, barbaramente amarrados e mal alimentados, vinham a

falecer. A terapêutica de então eram as sangrias, quando não os exorcismos católicos ou fetichistas, existiam também os curandeiros e os herbários que prometiam curar os enfermos (MOREIRA, 1905).

Com a vinda para o Brasil da Corte de D. João VI, houve um rápido aumento da população no Rio de Janeiro, o desenvolvimento urbano, as lutas pela sobrevivência eram então considerados como elementos possíveis de desencadear alienação mental.

Entretanto, nem D. João nem D. Pedro I, seu sucessor, foram sensíveis à causa dos alienados. Foi a classe médica do Rio de Janeiro que protestou em nome da ciência, que é também da humanidade, e conseguiu sensibilizar as autoridades. Assim inicia-se um longo período de negociações que culmina com a coroação de D. Pedro II e a fundação de um hospital para alienados, como um ato que virá "a eternizar o fausto dia da sagrada".

Funcionando desde 1852, a iniciativa teve um retrocesso, quando as portas do Asilo só se abriam para os favorecidos da proteção de poderosos ou os que podiam pagar. Ficando sem assistência, os alienados voltaram a lotar os presídios e casas de mendicidade.

Teixeira Brandão, em 1886, protestava com a energia do homem de coração e consciência de alienista. Foi com a proclamação da República que Teixeira Brandão conseguiu desanexar a Santa Casa do Hospital, que passou a se chamar Hospício Nacional de Alienados.

Em relação a sua própria nomeação, Juliano Moreira não faz comentários, diz apenas que foi nomeado em lugar do Dr. Dias Barros. A reforma não aconteceu de forma simultânea no Brasil, o próprio J.M. destacou em várias ocasiões, ao

referir-se ao adiantado da reforma desenvolvida em São Paulo, no Juquery, sob a liderança de Franco da Rocha, no início do século XX.

Há diferenças entre a implantação do novo modelo no distrito federal e em outros estados. Juliano adverte que a lei respeita as condições de cada estado, em função de não ferir os princípios do regime federativo, e informa a situação de cada lugar de acordo com as informações que lhe foram enviadas após a sua solicitação ressaltando que foi sem bairrismos que foram feitas as considerações sobre cada unidade da federação.

No Congresso Internacional de Medicina de Lisboa, apresentou uma releitura em que afirmava ser a teoria de Kraepelin como a orientação seguida no país, porém, e sem esquecer das necessidades locais, fez uma exposição que tornou-se uma referência na compreensão das enfermidades nervosas e mentais no Brasil.

Comunicou em co-autoria com Afrânio Peixoto, os resultados das pesquisas feitas no Brasil sobre a situação dos alienados. Na ocasião e contrariando as idéias de cientistas renomados da época, como Magnan, Esquirol e Lombroso, demonstrou que o conceito de zona climática não era científico. Discutiram o conceito de geografia médica e esclareceram que, se diferenças havia, elas estavam vinculadas às condições de vida, de trabalho, educação e alimentação.

Não há quadros psicopatológicos característicos dos climas quentes, as moléstias eram as mesmas e chegaram a afirmar: "não há região no mundo que se caracterize por um tipo de enfermidade" (MOREIRA & PEIXOTO, 1906, p.394).

É relevante também a crítica dos autores ao sublinhar que a questão da influência étnica com fator determinante nas enfermidades mentais era uma

concepção construída sob preconceitos. Desenvolvem a conclusão do texto em sete pontos. O sétimo é especialmente significativo:

Mentales dans les climats tropicaux. Le climat n'influe en rien sur les symptômes des diverses psychoses. C'est dans le degré d'instruction de l'individu que réside la cause des différences qui peuvent se présenter. Le descendant pur de deux caucasianes, également pur, élève dans l'intérieur au milieu de gens ignorants, présente les mêmes délires rudimentaires que les individus de couleur dépourvus d'instruction (MOREIRA & PEIXOTO, 1906, p.238)⁷

Com essas intervenções em congressos científicos no exterior, Moreira buscava colocar os brasileiros, negros ou mestiços, nas mesmas condições de "civilidade" que os outros países do mundo. E a qualidade de suas próprias participações era uma demonstração na prática da capacidade cultural de um intelectual mestiço, afro-brasileiro, oriundo de um país localizado nos trópicos.

Na Academia Nacional de Medicina apresentou a evolução da assistência aos alienados no mundo europeu, desde a Idade Média, caracterizada pela barbárie praticada no Ocidente, citando como exemplo a Inquisição, até a modernidade, quando se deu uma estupenda transformação, movimento iniciado com a criação da "Casa de Orates", como uma invenção dos mouros para socorrer os alienados, até a reforma iniciada por Pinel, que baseado numa concepção moral tratou a loucura como alienação mental.

Na seqüência, ele centrou sua análise na Alemanha, como o local do nascimento do tratamento "racional" dos insanos, destacando a figura de Griesinger como precursor desta orientação neste tipo de assistência. O âmbito da Academia Nacional, naquele momento, era propício à luta pela modernização do ensino da Psiquiatria, segundo o modelo alemão.

⁷ O clima não influiu de modo algum sobre os sintomas das diversas psicoses. É no grau de instrução do indivíduo que reside à causa das diferenças encontradas. O descendente puro de dois caucasianos, igualmente puros, criado no meio de pessoas ignorantes, apresenta os mesmos delírios rudimentares que os indivíduos de cor, desprovidos de instrução. Tradução da autora.

No final da primeira década do século XX, participando de um Congresso Latino Americano, Moreira (1910) propôs formas ou modelos de assistência que modificavam a estrutura do grande hospital. Se, na fase inicial, tivera prioridade o hospital, a mudança das formas de tratamento com a abolição da contenção e a retirada das grades, nesse momento Juliano Moreira objetivava outras formas institucionais de abordagem na assistência aos alienados. O Brasil tinha acumulado já uma certa experiência e a tendência nessa fase era a predominância de consultórios para tratamento ambulatorial em oposição ao isolamento do grande hospital, mudanças sobre as quais ainda hoje há muito a se fazer (MOREIRA, 1910).

É incontestável a liderança de Juliano Moreira na introdução de mudanças na orientação da Psiquiatria no Brasil, tanto na teoria como no concernente às práticas de assistência aos alienados, bem como a sua participação na formação de quadros profissionais. Soma-se a estas mudanças, realizadas no país, as suas intervenções realizadas no Exterior, onde sua atuação como líder na Psiquiatria, o legitimava na luta contra a descriminação racial num Brasil pós-abolicionista.

4.2. JULIANO MOREIRA E A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

4.2.1. A história das ciências antecedentes

A partir dos anos 70 do século XIX, a análise do conhecimento científico como processo e produção sofreu uma mudança.

Os dados históricos não eram coligidos apenas para fazer parte de uma coleção, as análises tornaram-se mais aprimoradas, desde o ponto de vista documental, e deu-se início tanto às abordagens históricas individuais quanto às institucionais.

Posteriormente, duas linhas se confirmaram como tendências na História das ciências: Uma era a história geral das ciências físico-matemáticas e a outra foi constituída pela história da medicina.

A História Geral das Ciências teve um desenvolvimento particularmente destacado na Alemanha, sendo o país que ocupou a vanguarda -no início do século XX- neste tipo de estudo.

Ao final do século XIX início do XX, P.Tannery formulou um programa para a integração de todas as áreas de conhecimento em uma história geral das ciências, não se tratava de uma justaposição, nem de uma visão panorâmica da evolução de todos os saberes. A reformulação proposta em dito programa abordou a história geral das ciências -como uma síntese coerente do desenvolvimento conjunto de todas as áreas da ciência- integrada à história da humanidade.(QUEVEDO, 2000; MATTEDI 1996)

No que se refere ao “caso” brasileiro, segundo Shozo Motoyama (1979) entre final do século XIX até 1940, a produção historiográfica no Brasil,e o amadurecimento da disciplina no país, dependeu de dois fatores :O crescimento e organização da comunidade científica e as medidas governamentais de fomento à atividade científica e tecnológica como base do desenvolvimento econômico.

Observamos que Juliano Moreira em 1913 sustenta a mesma proposição que a do autor acima referido na conferencia sobre O progresso das ciências no

Brasil, particularmente em relação ao avanço das pesquisas nas ciências geológicas (MOREIRA, 1913)

É possível que a constante atualização que Moreira manteve com a produção científica, especialmente da Alemanha, fosse um fator preponderante na acuidade do desenvolvimento de suas pesquisas sobre a História das Ciências, ligada à linha da história da medicina com os Holandeses, e o progresso da ciência no Brasil, em que apresenta uma visão panorâmica do Brasil a partir do descobrimento ou *achamento* do país

Caberia aqui, como uma *questão de partida*, interrogar-se sobre a finalidade de seus estudos: era integrar o Brasil ao panorama mundial do desenvolvimento científico tal como o indicavam as proposições da época?

As conferências pronunciadas por Juliano Moreira durante a primeira década do século XX (MOREIRA, 1913, 1926) são reconhecidas atualmente como uma iniciativa pioneira para a História das Ciências na América Latina e Brasil (MOTYAMA 1979, QUEVEDO 2000)

Nas mesmas abordou questões relacionadas ao Progresso das Ciências, desde o descobrimento até o início do século XX, e o desenvolvimento das Ciências Naturais durante o século XVII no Brasil.

O destaque dado às referidas intervenções não tem a função de salientar o papel de Juliano Moreira como precursor, ou determinar uma origem disciplinar da história da ciência no Brasil, senão o de lê-las como documento que aborda a natureza do trabalho científico numa época específica.

Entretanto ainda entrevemos a possibilidade de que as análises destes ditos ofereçam subsídios, tanto para a compreensão da visão que os cientistas da

época tinham da ciência, quanto de si mesmos como pensadores e /ou membros de uma comunidade acadêmica.

Abordar a História da ciência no contexto Latino, desde a orientação dada à disciplina a partir de 1980 pela nova historiografia das ciências, sugere a renovação de métodos de pesquisa, mudança que não é sem efeitos, pois redunda também na emergência de novos temas de análise e inovação nos recortes, e nas periodizações.

Assim o intercâmbio de idéias como um aspecto no desenvolvimento das ciências terá o seu lugar de interesse para a pesquisa em história das ciências.

A relevância que a referida consideração adquire ,quando observamos este fato no contexto Latino Americano ,é objeto da nossa consideração, pois a partir do desembarque de Colombo na América Central ,em 1492, iniciou-se o desenvolvimento de relações entre Europa e América, com um caráter muito diferenciado para cada um dos participantes (FIGUEIRÔA, 2000)

Disparidade que veio, entre outras consequências, a produzir uma visão eurocêntrica da História e do desenvolvimento científico na América Latina, pois foi com freqüência que se buscou historiar a Ciência Européia na América, em vez da prática científica na América Latina (FIGUEIRÔA,1997).

Observa-se, também, que grande parte da historiografia desenvolvida sobre as ciências na América Latina resulta de comparações com a América do Norte ,onde os avanços científicos estavam consolidados desde o século XVIII.

A análise, que resulta ao se propor aplicar uma metodologia constituída por metas para comparar desempenhos de acordo com um padrão de desenvolvimento, tenderá a interpretar as diferenças coligidas entre ambos os países dentro do eixo esperado – América do Norte- não realizado – Latino América.

Eram vistos como excepcionais os cientistas locais que se destacaram ou obtiveram reconhecimento dos círculos letrados Europeus antes do século XIX.

4.3 CONFERÊNCIAS DE JULIANO MOREIRA

A Construção de uma Identidade Brasileira

Alguns aspectos da exposição de Juliano Moreira sobre o progresso das ciências no Brasil foram abordados no contexto de um resgate das condições de produção local, em função da política cerceadora de Portugal com a Colônia.

No contexto europeu, Portugal, influenciado pelo Catolicismo, permaneceu alheio aos avanços científicos do resto do continente Europeu, o que provocou inevitável isolamento do Brasil na sua condição de Colônia.

É provável que a contribuição de Moreira (1913) na recuperação dos fatos, no sentido da inclusão dos elementos que fazem a particularidade do desenvolvimento histórico no Brasil, na sua relação com a Europa, não apenas na condição de receptor, mas dando destaque também às produções locais, esteja engajado na construção do conceito de nacionalidade, apoiado no desenvolvimento científico.

Sabemos que estava em curso na primeira década do século XX, a construção de uma identidade Republicana, como também havia uma preocupação com a imagem do Brasil no velho mundo.

O progresso científico torna-se um aspecto relevante na consolidação para o mundo da imagem de um país civilizado. O movimento científico toma a dianteira na recuperação da memória das nações.

A Presença dos Holandeses no Século XVII

Ao abordar a História das Ciências Naturais no Brasil durante o século XVII, J.M. fará um recorte das ciências na América Latina.

Inédito para o público do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), quando trata a presença dos Holandeses no Brasil, desde o ponto de vista da sua contribuição, recuperando e ressaltando as virtudes do “espírito científico” que motivou o trabalho dos sábios Holandeses, em oposição à postura de lucros pecuniários que movia o Colonizador Português.

4.3.1 *O progresso das ciências no Brasil : uma identidade nacional afirmativa*

Essa primeira conferência de Juliano Moreira (1913) ocorreu na Biblioteca Nacional, instituição fundada em 1810, por D João e franqueada ao público em 1814, contendo um acervo em sua totalidade “transplantado” de Portugal por ordem imperial.

A partir de 1911, foram realizados ciclos de palestras por determinação do governo republicano. A iniciativa governamental pretendia dotar a Biblioteca Nacional de uma organização que lhe possibilitaria desempenhar uma função

patriótica e civilizadora. Estavam presentes à abertura do referido ciclo o Presidente da República e o Ministro da Justiça.

A conferência que Juliano Moreira pronunciou durante o evento foi publicada nos Anais da Biblioteca Nacional em 1913, junto à dos outros palestrantes que respectivamente iriam se ocupar da evolução da literatura –Prof José Veríssimo-Arte e Gosto Artístico no Brasil – Dr Roberto Gomes – ao Dr Juliano Moreira coube abordar: “O Progresso das Ciências no Brasil”. Ao ciclo se somou um membro da comunidade científica de Zurique como representante de uma obra estrangeira que tem o Brasil como objeto de estudo

Juliano Moreira abordou o desenvolvimento da ciência no Brasil desde o inicio do povoamento do país (MOREIRA, 1913, p 33) até a primeira década do século XX. A periodização instava a uma identidade Nacional que poderá estar referenciada ao descobrimento como marco, ou não, pois a palavra povoamento inclui os habitantes e não só os que aportavam as terras brasileiras.

As características que são atribuídas ao empreendimento científico são aquelas pelas quais a ciência é compreendida como uma atividade de natureza coletiva, que avança de forma progressiva e em sentido evolutivo.

A exposição que está sendo aqui abordada tem como eixo uma preocupação: debater a idéia de que o brasileiro não era por natureza incapaz de fazer ciência.

Juliano destaca os três pontos pelos quais, pensa, pode cobrir os aspectos mais importantes do desenvolvimento da ciência no Brasil:

1) Que não tinham razão os que nos supõem inaptos para estudos e pesquisas científicas;

2) Que apesar das dificuldades todas que o colonizador português opôs as nossas tendências para a cultura do espírito, nós temos procurado transplantar para aqui ramos da grande árvore do saber;

3) Que em homenagem às ciências do velho mundo, aqui temos acolhido, com entranhado carinho, quantos sábios nos têm vindo trazer as energias do seu saber.(MOREIRA,1913,p.33).

A vinda da corte de D João VI. foi um marco no início de atividades de intercâmbio com a Europa .O desenvolvimento das ciências no Brasil no período anterior a vinda de D.João foi rudimentar, valorizava-se da América,apenas, suas riquezas e não se compreendia o talento e o valor de seus homens(MOREIRA 1913,p.33).

Nesse contexto, José Bonifácio é abordado como um brasileiro que teve a oportunidade de estudar na Europa.No artigo relatava o bem sucedido percurso deste intelectual brasileiro, particularmente a partir de uma análise em que Moreira, por estar a par da situação da ciência durante o século XVIII na Europa, comprehende a saída de Bonifácio de Portugal para outros centros de estudo mais avançados na França, Alemanha, e Inglaterra, onde a ciência, sob a influência do ideário Iluminista, tem como meta melhorar a vida do homem.

Destacava que dez anos de Bonifácio na Europa foram dedicados à procura do conhecimento desenvolvido em diversos museus e centros de pesquisa Obtendo pela sua dedicação à ciência o reconhecimento dos principais centros acadêmicos dos países visitados. No Brasil, Bonifácio não ficou conhecido como cientista, sua importância histórica esta relacionada com o destacado envolvimento de José Bonifácio com a luta pela Independência (GUNTAU, 2000)

Na continuidade da análise,abordava as histórias disciplinares das Matemáticas, da Geologia, destacando o papel que o estado tem no desenvolvimento do conhecimento científico, afirmando que avanços e retrocessos nas ciências só acontecem com o apoio do governo às pesquisas (Moreira,1913)

Uma pausa é feita antes de referir-se ao conjunto das ciências humanas já consagradas no país para dar o destaque a uma ciência que, segundo ele, fazia falta no Brasil.

Nunca houve entre nós um plano sistemático de estudar convenientemente os povos que por aqui já viviam antes da descoberta (MOREIRA, 1913, p. 44)

Aponta um fato que consideramos relevante: os primeiros viajantes com preocupações científicas utilizaram o critério de classificação geo-linguístico, ou seja, as características do idioma e da distribuição geográfica da população para estabelecer critérios e diferenciar grupos entre os habitantes da terra *brasiliis*

Ao contrário, o critério somático ou morfológico passou a ser considerado inapropriado pelos cientistas que pretendiam desenvolver estudos com maior acuidade. É possível que esteja sendo evidenciado nesta observação o debate entre as orientações monogenistas e poligenistas. Tanto como a sua própria adesão à orientação monogenista que se traduz numa análise etnológica ligada a uma tradição humanista.

O debate entre monogenistas e poligenistas faz parte da delimitação entre disciplinas afins. Enquanto os estudos antropológicos nascem vinculados às ciências físicas e biológicas e a uma interpretação poligenista, ou seja, tipos específicos na raça humana, não redutíveis entre si por oposição à Etnologia, mantinham-se fiéis à orientação monogenista que acreditava que a humanidade era uma (SCHWARCZ, 2004).

Serão consideradas como as ciências aplicadas que mais rapidamente progrediram no Brasil, como também a área disciplinar na qual ele se inclui profissionalmente.

Reconhece que a formação e a origem dos médicos brasileiros estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento da medicina na Europa.

Não inclui Portugal como um país influente, durante a colônia, segundo Juliano Moreira, nada se fazia em relação às pesquisas do que porventura havia de novo nas doenças aqui observadas.

Poucos são os nomes, segundo J.M, dignos de destaque para a história da medicina até o início do século XIX só havia barbeiros, sangradores e moços inexperientes, sem estudos prévios, que iam por aí exercendo a arte da cura (MOREIRA, 1913, p.45).

Com a reforma da Universidade de Coimbra, o Marquês de Pombal inclui dois Brasileiros no corpo docente da Faculdade de Medicina. Este gesto será de proveito para o Brasil, pois um desses professores -José Picanço- veio a ser o principal responsável pela fundação do ensino médico no Brasil.

Juliano Moreira fazia referência aos nomes dos envolvidos nas atividades científicas, o local e as produções acadêmicas. Cremos que é possível assim observar como o processo de gestação de entidades de classe, formadas por especialistas de diversos ramos da ciência, foi relevante na consolidação da existência do profissional dedicado à ciência, a partir da metade do século XIX. O surgimento da carreira de cientista como profissão esteve ligada às novas instituições de ensino e a fundação de laboratórios de iniciativa privada (KHUN, 1971).

A tríade memorável de médicos como Wucherer Paterson e, especialmente, Silva Lima representam para Juliano Moreira exemplos de cientistas profissionais da década de 80 do século XIX no desenvolvimento da pesquisa de campo, do estudo de doenças “brasileiras,” no uso do microscópio e na descoberta e classificação de microorganismos.

Na sua conferência, ele narrava o percurso, as descobertas e, especialmente, a fundação da *Gazeta Medica da Bahia*, publicação que vem da Bahia, instituída por uma “associação de facultativos”. Por outro lado, colocava em destaque as atividades dos médicos dedicados à medicina pública como símbolo do progresso do conhecimento no que diz respeito à higiene e à medicina legal. Nesse momento, entre a Medicina curativa e a Medicina legal havia uma fronteira que para Moreira, definia o campo de atuação do médico no âmbito Jurídico-Legal. Nina Rodriguez é reverenciado como mestre em relação à fundação da Medicina Legal

As controvérsias com Nina Rodriguez no âmbito da Medicina Legal em relação à questão da miscigenação das raças como causa de impureza e origem da degenerescência aparece da seguinte maneira:

Nem se lhes faça carga nos enganos porque se a própria física progride por aproximações sucessivas, como no caso da comprehensibilidade dos gizes, que diremos de outras ciências menos puras ?(MOREIRA,1913,p.46)

A seguir, o próprio palestrante inclui-se, pugnando com originalidade, desde as páginas da *Gazeta* no início do século XX, pela necessidade da fundação de laboratórios de pesquisa nos vários centros do país.(MOREIRA 1901,p.6)

Faz um extenso comentário a respeito de Manguinhos, Carlos Chagas e Osvaldo Cruz, concretização da orientação pela qual ele lutou desde as páginas da *Gazeta* há uma década e meia.

As associações de classe são reconhecidas por sua função de “animar” a produção científica local e rivalizar em qualidade com as publicações da América do Norte e Europa, atraindo não só elogios como a possibilidade de colaborações remuneradas.

Este comentário reforça observação em relação à profissionalização do cientista Brasileiro, a partir das associações de classe.

Encerra sua palestra com uma referência à Sociologia como “cúpula dos conhecimentos humanos” (MOREIRA, 1913, p. 46) A Sociologia como disciplina estava em desenvolvimento, havia então um embate entre as ciências sociais e a literatura, desde que a sociologia se distanciava das formas literárias para ser um instrumento de análise da coisa social. (SCHWARCZ, 1993). Juliano Moreira finaliza sua conferência reconhecendo o Brasil como vasto campo de experiências para os estudos sociais.

4.3.2 Pies e Marcgrave: cientistas holandeses no Brasil

A conferência ditada pelo psiquiatra Juliano Moreira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na sessão de 16 de Outubro de 1917, marcou seu ingresso como membro do instituto. Teve-se acesso a versão da conferencia, publicada na Revista do Museu Paulista (Moreira, 1926, p.655).

O IHGB, local onde Juliano Moreira pronunciara sua conferência, foi criado em outubro de 1838 no Rio de Janeiro por um grupo de políticos e intelectuais da Corte e tinha como missão coligir, metodizar, arquivar e publicar os documentos necessários para a escrita da História do Brasil.(SCHWARCZ 1993)

Na época, Juliano Moreira já ocupava o cargo de diretor do Hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro e havia conquistado renome como *Der hervorragende Psychiater*.

A referida exposição aborda a presença colonial Holandesa no Brasil (1636 a 1644) e faz algumas reflexões que, contemporaneamente, têm merecido atenção por parte dos estudiosos da historiografia brasileira sobre a produção científica do Brasil colonial.

Mauricio de Nassau

O octênio naussauviano apesar de curto, se comparado com os quatrocentos anos da ocupação portuguesa, deixou para a posteridade um legado científico que Juliano Moreira resgatará como veremos a seguir:

Ao dirigir-se ao que ele denomina "o mais copioso manancial de documentos e encyclopédias", não encontrou, ou, o que encontrou era omissivo em relação à presença dos Holandeses no Brasil.Exemplo disso é o trabalho do Visconde de Porto Seguro e o estudo do historiador pernambucano Alfredo de Carvalho

A Tese de Moreira (1926,p 656) era que Pies e Marcgrave foram os fundadores da História Natural no Brasil. Durante as viagens que realizou à Holanda, pesquisou as fontes, documentando assim seus estudos e posteriores afirmações.

Moreira revelou o valor do documento, pelo que diz e pelo que não diz, ao minimizar a qualidade do gigantesco estoque disponível para a construção da memória nacional, calçado no conceito de “pátria história” aponta uma falta documental provavelmente originada na visão histórica vigente no IHGB, que, comprometida com a transmissão de uma identidade nacional, exclui os nomes de Pies e G. Marcgrave, traçando um limite que faz o período “naussauviano” ficar fora da pátria história.

Ainda, o olhar que JM lança sobre a vida e a obra destes dois cientistas do século XVII contextualiza sua saga dentro do “o espírito científico” holandês, à diferença dos efeitos devastadores da colonização e da escravidão como prática da dominação do Português na descoberta do novo mundo.

Na condução da sua conferência adverte que poderia sua exposição tomar um rumo glorificador. Um merecido panegírico dedicado ao Conde de Nassau. Mas supõe-se que a pretensão de Juliano Moreira foi divulgar o labor dos precursores da História das Ciências Naturais no Brasil, portanto solicita de viva voz a publicação da referida conferência na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que na época chegou a ser distribuída a cento e trinta e seis sociedades congêneres estrangeiras(DANTES,2001). Não tivemos notícias sob a publicação da conferência de Juliano Moreira na RIHGH, a leitura da mesma foi a partir da publicação na Revista do Museu Paulista em 1926.

A viagem de Pies e Marcgrave

A instituição que, na época, era responsável pela organização das viagens e a escolha dos seus integrantes era a Comissão da Companhia das Índias Ocidentais. Nas atas das reuniões da Companhia pode-se confirmar que a data da saída de Marcgrave de Holanda para o Brasil é 1636.

Pies chegou posteriormente para substituir o médico que veio com o Conde Maurício e faleceu assim que chegou ao Recife.

Fato histórico que Juliano Moreira documenta despertando a memória da solicitação do conselho administrativo de Pernambuco em 1637. Este é o marco do início da saga brasileira de W. Pies, o nome foi posteriormente latinizado e modificado por Piso.

Pies viaja ao Brasil como médico do conde de Nassau aos 27 anos de idade. O objetivo da expedição era conhecer os domínios que a Holanda pretendia firmar no Brasil. Trata-se segundo Juliano Moreira da primeira missão científica de um país Europeu nas terras do novo mundo.

O mérito dos Holandeses, Pies e Marcgrave, como fundadores da Nosología e da História Natural no Brasil, está respaldado na própria obra dos cientistas publicada na Europa pela primeira vez em 1648, e que descreveremos a seguir a partir do registro que Juliano Moreira apresenta aos presentes na conferência do dia 16/10/1917 (MOREIRA, 1926).

Willem Pies (1611-1678) de Leiden ficou encarregado de estudar as doenças e remédios tropicais, as abordagens terapêuticas dos ameríndios e seus costumes. Foi W Pies, o chefe da expedição e George Marcgrave (1610-1644) de Leibstad que se ocupou de recolher exemplares sobre a fauna e flora brasileiras.

A primeira edição e publicação das observações feitas por Pies e Marcgrave foi realizada por João de Laet (1593-1649), em 1648, nas cidades de

Amsterdã e Leiden. João de Laet era diretor e escritor da Companhia das Índias Ocidentais, um dos melhores cronistas da Companhia

A obra em dois volumes intitula-se *História Naturalis Brasiliae*. Sendo o primeiro volume de medicina brasileira de autoria de W. Pies e o segundo volume sobre história natural de autoria de G. Macgrave

Segundo Moreira (1926) "esta obra, evidentemente magistral, reexaminada com afinco, evidencia, a cada persquisição, excelências novas e por isso ainda é hoje uma das mais lindas lídimas glórias da literatura médica holandesa" (p. 663).

A reedição do livro de Pies e Marcgrave

Ao longo do seu trabalho de pesquisa, Juliano Moreira mantém uma certa tensão entre o registro por ele realizado e os dados da pesquisa desenvolvida pelos historiadores comprometidos com uma leitura que atendia aos interesses do IHGB.

Assim, na continuidade de seu minucioso levantamento da expedição, trata das particularidades na reedição do livro, o que resultou na acusação de plágio por parte do irmão de G. Marcgrave, o Dr Christiano Marcgrave.

Os acontecimentos em torno dessa publicação são abordados por Juliano Moreira, desde uma perspectiva metodológica crítica. Portanto, para ele, importa o fato, não como ação humana, e sim na sua dimensão histórica.

Assim esclarecia Moreira (1926)

[...] tendo me habituado a procurar, para aproveitar-lo, nos insanos o que lhes escapa ao soçobro das faculdades mentais, não costumo levar em maior conta o mal do o bem das ações humanas (p.658)

Foi grande o impacto que teve a reedição do livro na Europa, desde que transportou uma realidade científica e antropológica nunca vista.

O impacto ficou registrado na decoração do palácio da cidade de Clev, adornado com desenhos em cores quentes e objetos trazidos dos trópicos. Em novembro de 1678, faleceu Pies em Amsterdam. No ano seguinte, 1679, também no mês de Novembro, falece o Conde Maurício de Nassau, G.Marcgrave já tinha falecido na África em meados de 1644, aos 34 anos de idade.

George Marcgrave—um astrônomo botânico e zoólogo no novo mundo

Contemporaneamente aos estudos de Juliano Moreira, o Dr E.W. Gudger nos Estados Unidos, tinha publicado uma biografia sobre Marcgrave. Na mesma, Juliano encontra elementos que o certificam da relevância do seu empreendimento.

Para apresentar a figura de Marcgrave, Juliano Moreira, usa palavras de Leonardo da Vinci *Naturalmente li buoni desideramo sapere*: (“Naturalmente os bons desejam saber”).

Os diversos contatos com holandeses que regressavam do Brasil, fizeram com que Marcgrave concebesse a idéia de visitar o novo mundo onde via amplas possibilidades de realizar pesquisas inéditas.

George Marcgrave foi contratado para ser o astrônomo da expedição, aportou a Bahia de São Salvador após dois meses de viagem em 1 de janeiro de 1638, transferindo-se para Recife em maio do mesmo ano.

Marcgrave instalou o primeiro observatório não só no hemisfério sul, mas também no novo mundo. Como astrônomo suas observações são confrontadas com as de Tycho-Brahe, predecessor de Kepler na introdução das órbitas elípticas.

Comandou também um pequeno grupo pelo interior de Pernambuco, realizando estudos em Botânica e Zoologia.

A pedido de Marcgrave, o Conde fez vir da África material para ser confrontado com o encontrado no Brasil, surge assim os antecedentes históricos e científicos que precederam a classificação dos vegetais de Linneu⁸

Marcgrave substitui o agrupamento alfabético por uma classificação baseada sobre a estrutura da flor e do fruto, lançando a noção de gênero como uma reunião de espécies.

Em homenagem a G. Marcgrave, Linneu batizou uma espécie muito disseminada no Brasil com o nome de *Marcgraviaceas*

Juliano Moreira relatou que, em uma das suas estadias em Berlim, foi conhecer a coleção de desenhos que acompanhavam os estudos de Marcgrave

Esta coleção passou por uma *via crucis* até chegar à Academia Real de Ciências de Berlim, sob a direção do Professor Liechtenstein no inicio do Século XX.

Moreira conclui sua conferência instando ao reconhecimento de Marcgrave na sua condição heróica de mártir, pois o mesmo veio a falecer em consequência das endemias que ele próprio tentara estudar.

O que nos parece uma sugestão bastante provocativa tendo em vista que os mártires da História nunca foram os invasores.

Como conclusão desta seção, ressaltamos que a área de conhecimento na qual Juliano Moreira está inscrito é a Medicina. O processo de compartilhamento das regras de científicidade com os colegas europeus, firmados a partir de 1800,

⁸

Carl Linné, conhecido na comunidade científica pela versão latinizada do seu nome, Carolus Linnaeus, é frequentemente apontado como o pai da taxonomia. O seu sistema para nomear, hierarquizar e classificar organismos é ainda hoje, apesar de ter sofrido alterações, largamente utilizado. As suas ideias sobre a classificação dos organismos vivos influenciaram inúmeros biólogos seus contemporâneos e de gerações posteriores, mesmo aqueles cujas raízes filosóficas e teológicas eram opostas às suas. Os seus conhecimentos de botânica revelam a influência de Nehemiah Grew e os de zoologia de John Ray

indicavam o clima como um fator do diagnóstico das enfermidades. Critério que ao ser aplicado à América não permitia uma reflexão sobre outros fatores presentes na etiologia local. Juliano Moreira orientou-se energicamente contra a suposição de que as condições de clima e raça determinavam uma incapacidade natural ao povo brasileiro em função do clima e a miscigenação.

Assim parece-nos que o mesmo núcleo de idéias ilumina-se nas conferências que proferiu na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Onde se opôs ao que ainda na época poderia ser afirmado: o brasileiro não é capaz de desenvolver o pensamento científico, apenas aplica ou reproduz o conhecimento produzido nos grandes centros.

[...] não somente Juliano Moreira tinha os dons naturais da inteligência e bondade, senão que não teve prevenções (...) Freud, *novidade de hoje, há trinta anos era estudado por ele na Bahia* (PEIXOTO, 1933, p. 90; grifo nosso).

Este dado sugere o psiquiatra Juliano Moreira como sendo o primeiro brasileiro e, provavelmente, o primeiro latino-americano a ler Freud (Glick, 1999). O “livro dos sonhos” foi publicado em 4 de Novembro de 1899, pela editora de Franz Deuticke (Leipzig e Viena), embora na capa do grosso volume, *Die Traumdeutung* constou como data da edição o ano de 1900. A obra foi o produto de uma mente conformada no século XIX que se tornou patrimônio (denegrido ou elogiado) do século XX (GAY, 1989). Esta obra que era uma abordagem declaradamente vinculada à teoria psicanalítica, provavelmente foi lida ainda na Bahia.

De acordo com a documentação relevada e a partir da afirmação de vários autores, de seus pares e discípulos, se torna possível sustentar a atuação de Juliano Moreira no que se refere à introdução e divulgação do ideário freudiano no Brasil no final do século XIX e/ou início do XX.

Porém, só a partir de 1920, se tem acesso a um texto no qual Juliano Moreira se pronuncia em relação à Psicanálise: a resenha do livro de Franco da Rocha “O Pansexualismo na doutrina de Freud”, assinada por Juliano Moreira e publicada no número 23 da revista *Brazil Médico* em cinco de junho de 1920 (MOREIRA, 1920).

Dimensiona-se a importância da publicação pelo alcance da resenha como estratégia de divulgação na imprensa especializada. O semanário *Brazil Médico*, foi fundado em 1887 - publicado sempre aos sábados-, ficou conhecido por sua extrema regularidade e estabilidade e foi considerado o “órgão da classe médica” (SCHWARCZ, 2004).

Na resenha, Moreira, como é de habito nos seus textos, faz um levantamento histórico embasado em dados documentais que registram o percurso do ideário freudiano na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Em relação à produção brasileira menciona o pioneirismo da Tese de Genserico Aragão de Souza Pinto apresentada em 1914 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e respalda a decisão de Franco da Rocha de publicar o livro *O Pan-Sexualismo na doutrina de Freud*.

Já em 1919, Franco da Rocha na aula inaugural da sua cátedra da Faculdade de Medicina de São Paulo, dava um lugar central a Psicanálise, considerando-a como um avanço terapêutico e científico da época. O *Jornal Estado de São Paulo* publicou em 20 de Março do mesmo ano o artigo “Do Delírio em geral” extraído da preleção inaugural do Professor Franco da Rocha (PERESTRELLO, 1992; SAGAWA, 2002)

Em 1927, Juliano Moreira participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Em 1929 os componentes da Sociedade resolveram fazer dois agrupamentos, sendo Franco da Rocha presidente da seção paulista e Moreira da seção carioca. Entre as atividades desenvolvidas o grupo do Rio de Janeiro instalou, sob os auspícios de Juliano Moreira, um departamento de Psicanálise no HNA, dirigido pelos médicos Murillo de Campos e Carneiro Ayrosa (GLICK, 1999; SAGAWA 2002).

Em relação ao processo de difusão e recepção da Psicanálise, nesse período, será relevante considerar não só os aspectos que se referem à Psicanálise como área de interesse clínico, mas também na sua representação como fenômeno cultural, considerando que a investigação dos modos através dos quais a psicanálise

se divulga numa sociedade em particular revela aspectos não só da Psicanálise como também da cultura local.

Como corpo de conhecimentos, a Psicanálise transformou as culturas nas que foi introduzida e, do mesmo modo que todas as teorias científicas ou conjuntos de saberes, sofreu mudanças e adaptações nesse processo (PLOTKIN, 2003)

As produções brasileiras de início do século que versaram sob Psicanálise, foram consideradas neste estudo, como obras que contribuíram na divulgação do ideário freudiano para o grande público antes mesmo da implantação da psicanálise na sua forma institucional (PERESTRELO, 1992; MOKREJ, 1993; ROUDINESCO, 1999; RUSSO, 2001)

5.1. A PSICANÁLISE EM 1920

A complexidade das inter-relações que compõem o cenário da emergência da Psicanálise nas primeiras décadas do século XX no Brasil, solicitam uma narrativa abrangente dos acontecimentos em torno da recepção e divulgação da psicanálise no país, mas também alguns comentários sobre do desenvolvimento da Psicanálise no mundo na década de 20.

A vida na Europa e particularmente Viena, após o fim da primeira guerra se fazia apenas suportável. Todas as coisas estavam paralisadas (JONES, 1962). A situação econômica na Áustria não podia ser mais sombria e, também, não eram promissoras as perspectivas no futuro. Freud continuava trabalhando atendendo

pacientes, respondendo correspondência, corrigindo provas impressas das edições dos seus livros, mas de pronto se fez evidente que a única possibilidade era atender pacientes norte-americanos e ingleses que poderiam pagar com moeda forte (JONES, 1962). Depois da Primeira Guerra Mundial, Freud conduziu mais análises em inglês que em alemão, isso revela algo da aplicação da Psicanálise para além daquele círculo especializado e altamente seletivo, composto por Otto Rank, Karl Abraham, Max Eitingon, Ernest Jones, Sandor Ferenczi e Hans Sachs, que se tornou uma lenda (GAY, 1989).

Edward Bernays, sobrinho de Freud que morava nos Estados Unidos, providenciou a tradução da “*Introdução a Psicanálise*”, obra que recebera do ilustre tio em retribuição a um presente que enviara para Freud, com anuêncio de Freud e o descontentamento de seus discípulos que pretendiam publicar a obra na Inglaterra. Na primavera de 1920 publica-se nos Estados Unidos à obra freudiana com o título *A General Introduction to Psicanálise*. Posteriormente, em 1922, fora produzida uma tradução mais satisfatória por João Riviere denominada: *Introductory Lectures on Psico-analysis* (JONES, 1962).

Em meados da década de 1920, Freud era um nome familiar, pois eram milhões os que conheciam o nome de Freud e a sua fotografia. “A popularidade em si não me interessa, no melhor das situações tem que ser considerada um perigo para alcançar objetivos com seriedade” (Freud *apud* GAY, 1989, p. 507). Freud reiterou este comentário na correspondência que mantinha com seus discípulos e interlocutores até inicio de 1922. Tratava-se da fama, mas não da fama que ele queria (GAY, 1989).

Da mesma forma que o renome, a recuperação da Alemanha e da Áustria no pós-guerra não impressionaram Freud. Em 1926, numa entrevista disse: “Minha

cultura minhas realizações são alemãs. Eu me considerava alemão intelectualmente até que notei o crescimento do preconceito anti-semita na Alemanha e na Áustria germana. Desde então prefiro me denominar judeu" (*apud*, GAY, 1989, p. 500).

5.2. A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE PELA PSIQUIATRIA NO BRASIL

A divulgação da Psicanálise entre os intelectuais de vanguarda - movimento modernista - além da difusão entre o público leigo no Brasil, não serão abordadas neste item. Será dada ênfase a difusão da Psicanálise entre os representantes do grupo médico que se ocupavam da Psiquiatria e tinham inserção na Academia e nas práticas institucionais. Para localizar a circunstância histórica da Psiquiatria no Brasil à recepção da Psicanálise tomamos inicialmente a orientação que propõe Jurandir Freire Costa (1989). Segundo o autor, após o sucesso inicial do reconhecimento jurídico da psiquiatria, da consolidação do internato para a formação de novos quadros profissionais, os psiquiatras mostraram-se vulneráveis aos preconceitos da época. Costa sublinha especificamente a fragilidade da categoria na delimitação do campo que era próprio da Psiquiatria. "Esses Psiquiatras tinham todos, tendência a confundir ou pelo menos associar indevidamente os problemas psiquiátricos aos problemas culturais" (COSTA, 1989, p. 72).

Com a finalidade de aprofundar a curiosa junção da Psiquiatria das primeiras décadas do século XX com a Psicanálise, recorremos ao embasamento dos estudos sócio-antropológicos que contemporaneamente indicam o movimento

sanitarista, orientação que caracterizou a Psiquiatria do início de século, como uma "plataforma" de discussão, durante a vigência da Velha República que aborda o projeto de construção de uma nação brasileira, se propõe pensar a viabilidade da nação seu desenvolvimento e progresso a partir das condições de "existência" da população desde o ponto de vista da medicina (MAIO, 1999).

Resumidamente, pode-se dizer que, de meados do século XIX até cerca de 1910, o país se definia prioritariamente pela raça, isto é, as discussões sobre o caráter nacional e o futuro da nação passavam pela solução dos problemas atribuídos à miscigenação do povo brasileiro. A partir da década de 1910 e, especialmente, após o fim da Primeira Guerra Mundial, o movimento pelo saneamento rural do Brasil ganhou força, e deslocou o foco para a doença ou as doenças dos brasileiros.

A exprobração à mestiçagem e ao nosso clima tropical cedeu lugar à condenação ao governo por abandonar as populações interioranas; seu atraso passou a ser atribuído ao isolamento geográfico e às infestações por doenças parasitárias, especialmente anciostomose e doença de Chagas. A doença tornou-se a chave para a identificação do Brasil, a higienização sua possibilidade de redenção. A ciência, mais especificamente a medicina, tendeu, então, a se auto-representar como norteadora do processo de definição da nacionalidade e da modernização do país (ODA & DALGALARRONDO, 2000, p. 3).

Vale ressaltar que o pensamento sanitário desse período desloca a matriz racial, pautada no determinismo biológico, para a compreensão da questão racial no seu aspecto cultural e social.

Juliano Moreira já iniciara o debate sobre a questão racial, em 1891, na sua tese inaugural de doutoramento na Faculdade de Medicina da Bahia (MOREIRA, 1891), explicitando sua discordância quanto a atribuição da degeneração do povo brasileiro a mestiçagem, antes mesmo de que a discussão que tinha como eixo o aprimoramento da raça e das condições de vida da população

brasileira como elementos capazes de alavancar o progresso da Nação fosse uma questão amplamente discutida pela classe dos intelectuais. A questão do aprimoramento racial era matizada por posições retrógradas que defendiam a constituição de uma nova raça por intermédio da incorporação de contingentes brancos até aqueles que argumentavam a necessidade da intervenção do Estado no sentido de proporcionar os meios para que a população tivesse condições de vida satisfatórias (PONTES, 1999).

Convém registrar também a posição de JM em relação ao outro pressuposto comum a época, de que existiriam doenças mentais próprias dos climas tropicais. No III Congresso de Psiquiatria da Bélgica, em 1913, onde apresentou um trabalho e exibiu documentação sobre as formas nervosas e mentais da doença de Chagas e deu notícias de pesquisas realizadas no laboratório do HNA ouviu a proposição de Regis de criar uma Psiquiatria Colonial a partir do informe de médicos franceses. Moreira disse:

Finalmente se nas colônias tropicais existe alguma doença mental autônoma, que mereça as denominações referidas, vem isso demonstrar que o fato é mais inerente a condição de Colônia dessas regiões que a sua situação nos trópicos, visto que no Brasil não temos nada de parecido. Faremos pois muito bem em nos vangloriar de termos conquistado a independência. Farão bem os países colonizadores em cuidar muito melhores as condições sociais dos aborígenes de suas colônias e dos agentes de sua colonização (apud LEME LOPES, 1963, p. 16).

A exposição teve forte repercussão no plenário do referido evento e, mais do que isso, ratificou, no início do século XX que não existia uma patologia mental tropical e que não são os fatores biológicos nos trópicos agentes morbígenos e sim condições socioeconômicas que podem dar configurações particulares aos quadros psicopatológicos (LEME LOPES, 1963).

Qual era o amálgama? Havia algum propósito no interior da teoria psicanalítica além da notoriedade que a psicanálise adquiriu na década de vinte, que servia ao projeto de construção de uma nação? Que elementos do pensamento freudiano foram “capturados” pelos Psiquiatras brasileiros? Havia uma crise teórica da Psiquiatria, em relação ao objeto de estudo da Psiquiatria que dava espaço a Psicanálise como método de pesquisa e diagnóstico?

São alguns dos aspectos que se espera possam ser vislumbrados no interior do universo que faz parte dos estudos que serão analisados a seguir: a resenha de Juliano Moreira, a tese de Genserico Pinto e o livro de Franco da Rocha que trataremos a seguir.

5.3. A RESENHA DE JULIANO MOREIRA DA OBRA DE FRANCO DA ROCHA

Modernizar o ensino da Psiquiatria na próspera Faculdade de Medicina de São Paulo é o argumento com que Juliano Moreira “justifica” a propriedade da iniciativa de Franco da Rocha “os compêndios e tratados da especialidade não dizem nada sobre o assunto” (MOREIRA, 1920, p. 1).

A falta de divulgação da Psicanálise no âmbito do ensino e o conhecimento superficial da teoria freudiana no Brasil são evidentes para demonstrá-lo. Juliano Moreira reproduz um diálogo que provavelmente ele próprio tenha testemunhado, no qual os protagonistas, eminentes e afamados doutores de língua francesa, revelam perplexidade perante o pensamento freudiano.

Durante o Congresso da Sociedade Internacional de Psicologia Médica e Psicoterapia em Munique o Dr Bernheim perguntou a Dr. W. von Renterghem

*“Qu’ est-ce qu’ il veut donc”, M. Freud avec son analyse? voyons! est-ce que tous nous n’ analysons pas nos malades?*¹⁰ (MOREIRA, 1920 p.3)

Quase na mesma ocasião um neurologista parisiense dos mais afamados dizia ao seu confrade de Amsterdam: “Je n’ai pas lu, il est vrai, les œuvres de M. Freud, mais pour ce qui est de ses théories. C’est une mauvaise plaisanterie”¹¹

O conteúdo do dialogo evidencia o desconhecimento e a depreciação com que os doutores europeus consideravam a teoria freudiana, mas também se destaca, na observação feita por Moreira, a pergunta que está embutida na perplexidade do diálogo: que tipo de tratamento é esse? Ou de que trata uma análise? E muito mais “profundamente”: a final de contas, o que eles faziam com os seus pacientes?

Em relação à situação dos países ditos latino-americanos, JM confirma que a Psicanálise foi inicialmente muito combatida e satirizada. Na Europa houve um processo similar, mas que “evoluiu” na conquista de novos cultores, além da Áustria, Alemanha e Suíça para os países de língua inglesa. Destaca-se os Estados Unidos como o país onde a Psicanálise teve maior divulgação depois do mundo de língua germânica. Afirma Moreira que encontrava-se nos Estados Unidos um arquivo de toda a produção não só de Freud, como de seus inúmeros discípulos, ortodoxos ou não. Desde 1914 nos Estados Unidos trabalhava-se em torno do estudo da Psicanálise. A data oportuniza a comparação com o Brasil, que era fortemente

¹⁰ “O que ele quer então, Sr. Freud, com sua análise? Vejamos: será que todos nós não analisamos os nossos doentes?” Tradução da autora.

¹¹ “Eu não li, é verdade, as obras do Sr. Freud, mas pelo que diz respeito as suas teorias são um gracejo de mau gosto.” Tradução da autora.

5. JULIANO MOREIRA E A PSICANÁLISE

Dentro do movimento de disseminação no mundo latino das idéias que eram produzidas na Europa, no que diz respeito à psicanálise, há dois horizontes: o primeiro, constituído pelos leitores de Freud em alemão, no final do século XIX e início do século XX; o segundo horizonte, resulta do efeito provocado pela publicação das obras completas de Freud em espanhol, pela Editora *Casa Nueva*, a partir de 1920, na América de língua castelhana (GLICK, 1999).

Juliano Moreira foi um leitor de Freud em alemão quando já atuava como professor na cadeira de Psiquiatria e enfermidades nervosas na Faculdade de Medicina da Bahia (PERESTRELLO, 1992; GLICK, 1999; ROUDINESCO, 1999; RUSSO, 2002; MOKREJS, 2002; SAGAWA, 2002). Perestrello⁹ (1992) chega a precisar o ano de 1899, como o momento que Juliano Moreira não só lia, como discutia as idéias de Freud com seus alunos e colegas. Já o discípulo e amigo, Afrânio Peixoto (1933), que tem a força do testemunho, fez a seguinte afirmação:

⁹ Sua fonte primária é um discurso de Danilo Perestrello no Centro de Estudos Juliano Moreira, além de um comentário a um trabalho de Cyro Martins publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, v. 10, p.293-296, de 1976.

influenciado pela orientação francesa: "Os colegas em obediência a lei do menor esforço aguardam que as doutrinas e teorias passem pelo filtro francês para dignasse a olhá-las a contraluz. Raras eram as referências nas revistas francesas e nem sempre benévolas" (MOREIRA, 1920).

Desta forma o autor destaca que nas primeiras décadas do século XX, além do mundo germânico e dos Estados Unidos, se produz no Brasil um movimento de divulgação que acompanha aqueles dos países da América do Norte e da Europa, desde o momento em que a Sociedade Brasileira de Neurologia e Psiquiatria iniciou, em 1913, reuniões onde cada um dos os seus membros fariam exposições individuais, a partir da experiência pessoal sugerida pelas idéias de Freud e inspirados nas impressões em torno do debate travado durante o Congresso Internacional de Medicina de Londres em 1913, na seção de Psiquiatria após a leitura dos relatórios de Janet e Jung.

Juliano Moreira foi o relator do primeiro informe, que, em parte, retomou na resenha de 1920 sobre o livro de Franco da Rocha (ver a seguir); dando relevância ao local onde há quase vinte anos na Europa, surgiam os primeiros trabalhos sobre a Psicanálise: a cadeira de Psiquiatria da Escola de Zurique, sob a direção de Bleuler. JM especifica que a partir de 1911 a atenção dispensada pelos especialistas da escola de Zurique à Psicanálise tornou-se uma verdadeira epidemia entre os médicos que concorriam ao sanatório Burgholzli .

É importante assinalar quem era Eugene Bleuler: diretor do sanatório Burgholzli e sucessor de Forel desde 1898. O sanatório era a clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique onde se abriam caminhos na investigação sobre as enfermidades mentais, seguindo em importância as descobertas de Charcot.

Ali concorriam médicos de vários países e os profissionais da escola de Zurique viajavam freqüentemente ao estrangeiro. Ao final de 1900, Jung somou-se à equipe do Burgholzli (GAY, 1989). Anos após, Jung recordava o tempo que passou na Escola de Zurique, por ser o lugar que lhe facilitou o acesso à Psicanálise. Forel já conhecia o trabalho de Freud e Breuer sobre a histeria. Bleuler, pouco depois da chegada de Jung, lhe solicitou um informe para a equipe médica do sanatório sobre a "Interpretação dos sonhos".

A corroboração do comentário de J.M. sobre a importância de Bleuler para a divulgação da Psicanálise no mundo, a partir do informe de Jung no Congresso Internacional de Medicina, foi revisto a partir da correspondência que segundo Lopes Rodrigues, Juliano Moreira teria recebido de Eugene Bleuler, felicitando-o pela fundação dos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal e Ciências afins. Na mesma carta o médico suíço se congratulava em receber notícias do outro lado do Atlântico, a suposição é que foi através de Forel e Bleuler que Juliano Moreira entrou em contato no início do século XX com a Interpretação dos sonhos.

Retomando os acontecimentos do Congresso Internacional de Medicina, que fora à motivação para que a Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Neurologia desse início ao ciclo de reuniões. Moreira, comenta quais foram os estágios pelos quais uma teoria científica passa para chegar finalmente a ser aceita: "primeiro é uma heresia, depois se pode aproveitar alguma coisa dela e por fim nada tem de novo, já conhecíamos tudo isso antes" (MOREIRA, 1920). A reflexão é de autoria do Psicanalista Inglês, Dr M.D. Eder. Juliano Moreira pormenoriza a sua posição em relação à Psicanálise, que muito distante de considerá-la inócuia diz: "há poucos autores que tenham provocado tanto ruído em redor da suas interpretações

psicológicas" (MOREIRA, 1920, p. 8). Em relação à fase de condenação na América Latina, ela a considera uma fase "quase" superada. Declara que desde o período em que a Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Neurologia se propôs divulgar o conhecimento da Psicanálise, sentiu dificuldade de abranger em uma só conferência a copiosa bibliografia sobre o assunto, para não deixar dúvidas da sua atualização enumera todos as revistas de língua alemã, nomeia a revista *Imago*, na qual são publicados estudos sobre todos os ramos das ciências nos que tem aplicação a Psicanálise, como por exemplo Estética, História da Literatura Filosofia, Pedagogia Historia das religiões e civilizações, Etnografia e Folclore. A relação de áreas de interesse sobre as quais a Psicanálise tinha influências respalda o comentário no qual foi relevada a abrangência da teoria Psicanalítica além do interesse especificamente clínico.

J.M. comparou o movimento nos Estados Unidos, que já tinha providenciado a edição da *Psychoanalytic Review*, com o da França: os sábios de língua francesa "demoraram em perceber o novo movimento nos domínios da Psicologia fazendo jus à *boutade* de Anatole France¹²: *Lê savant ne sont pas curieux*" (MOREIRA, 1920, p. 9)

O movimento iniciado pela SBPN não continua. A consideração que o autor faz em relação ao abandono da iniciativa apareceu no texto relacionado com uma publicação dos Professores Regis e Hesnard¹³ a qual J.M considera repentina. Fazendo dispensável a intervenção que "apenas pretendia vulgarizar as idéias do venerado Professor de Viena" (MOREIRA, 1920; grifo nosso). O motivo pelo qual a SBPN desistiu da iniciativa poderia ser político ou institucional, mas teve um

¹² Pseudônimo de Jacques Anatole François Thibault, (1844-1924) novelista e prêmio Nobel francês, considerado frequentemente como o melhor escritor francês do final do século XIX e princípios do XX. Os sábios não são curiosos

¹³ Hesnard um dos pioneiros da Psicanálise Francesa entre 1925 e 1929 relata a chegada da Psicanálise na França através da Literatura, pois a divulgação mundana na França precedeu a institucionalização efetiva (*apud* RUSSO, 2001).

resultado, estimulou a que um interno do Professor Austregésilo, o Dr. Genserico Pinto fizesse da Psicanálise matéria da sua dissertação inaugural na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914.

Ainda durante 1919 relata que o Doutor Medeiros e Albuquerque, ao retornar dos Estados Unidos e impressionado com o desenvolvimento da Psicanálise resolveu promover uma conferência de vulgarização das idéias freudianas sob o patrocínio da SBPN no Anfiteatro da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Assim conclui e recomenda a leitura do livro firmado na leitura cuidadosa das fontes originais por um “alienista de longo tirocínio e vasta experiência” (MOREIRA, 1920, p.9). Embora o autor da resenha não o explice parece estabelecer uma diferença entre a divulgação na forma de conferência e aquela que propôs Franco da Rocha ao publicar um livro produzido a partir da leitura do texto freudiano.

5.4. DA PSICANÁLISE (A SEXUALIDADE NAS NEUROSES)

Genserico Aragão de Souza Pinto, natural do Ceará, apresentou para a Cadeira de Doenças Nervosas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1914, a tese “Da Psicanálise (A sexualidade nas neuroses)”.

O autor referiu que as conferências da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria preparadas com esmero pelo Professor Juliano Moreira o estimulou para escrever o seu trabalho e lamentava que as mesmas tivessem sido descontinuadas.

Em relação à divulgação da Psicanálise no mundo, para Genserico, 1905 é o ano da consagração no sentido de aceitação e divulgação da psicanálise no mundo. O autor reconhece como mérito a especial capacidade da Psicanálise ser um método ao mesmo tempo em que uma terapêutica.

Ao relacionar os países nos quais a Psicanálise foi divulgada estão, primeiro os de língua alemã, depois os de fala inglesa, coincidindo com a descrição já feita por Juliano Moreira, ratifica ser a França a última das nações a manifestar curiosidade, mantendo-se fora das discussões que comoviam o resto da Europa.

É a partir de 1914 que o autor refere uma circulação gradual de textos freudianos traduzidos em francês por Regis Ladame e Maeder. Os referenciais teóricos utilizados pelo autor são os textos originários da França que começaram a circular na época. Reconhece o ineditismo do seu trabalho, pois até então – 1914 – “não há ainda um trabalho impresso no Brasil sobre as idéias do grande psicólogo vienense” (PINTO, 1913, p. 7)

Genserico Pinto apresenta como objetivo principal do seu trabalho: “Expor a concepção de Freud quanto à causa e desenvolvimento das diversas neuroses explicando sua sintomatologia e deduzindo daí os meios lógicos de cura psíquica” (PINTO, 1913, p. 7).

Obedecendo a forma acadêmica da sua produção o autor traça as considerações gerais sobre a história do instinto sexual desde o século XVIII, chegando a Freud que, desde 1894 tenta lançar as bases científicas da sexualidade. Marca a originalidade da teoria no ponto que rompe com a idéia da causa hereditária para dar relevância a essa outra pré-história muito mais importante que é a infância.

É assim que a hereditariedade que havia conservado uma posição de predomínio durante décadas, no que se refere à causalidade que na doença mental,

encontra em Freud outra posição a partir de 1905, quando publica os Três Ensaios sobre a Teoria Sexual, destaca o crucial papel das impressões sexuais na infância na etiologia das moléstias nervosas. Este aspecto foi de particular importância no marco do dilema do problema racial brasileiro.

A seguir o autor traça o panorama constituído pelos estudos desenvolvidos por Charcot e Forel como o caldo de cultivo no que se desenvolveu a teoria freudiana.

Da obra daremos relevância a apresentação de casos, quatro atendidos por Genserico Pinto e um que Juliano Moreira muito gentilmente cedeu para publicação.

A paciente de J.M. apresentava um quadro clínico sugestivo de um tumor cerebral, a suspeita chegou a ser documentada em exames laboratoriais. Porém a argúcia de Juliano, o fez como um psicanalista desconfiar do caráter funcional da doença (PINTO, 1913, p. 104). No relato do autor, o Prof. Juliano Moreira, fez um levantamento minucioso dos acontecimentos da vida da paciente, que sob efeito de uma forte impressão, quando vira o seu esposo em companhia de outra mulher dera início aos sintomas. Assim documentou Pinto (1913), referindo que J.M. estabeleceu o tratamento psicanalítico e a doente naquele momento em que escrevia sua tese inaugural se achava em vias de cura (PINTO, 1913, p.105).

O relato em tese do caso clínico atendido por Juliano Moreira, assim como o próprio Pinto, foi relevante por tratar-se de um texto que pode ser considerado a referência mais antiga de autor brasileiro, onde se relata um atendimento no qual se tentou encaminhar o procedimento de acordo com os princípios psicanalíticos.

5.5. PANSEXUALISMO NA TEORIA FREUDIANA POR FRANCO DA ROCHA

Para apresentação do livro, Franco da Rocha (1920) escolheu a seguinte epígrafe: "O que se revela na consciência individual como instinto sexual, de modo geral, sem ter por objeto um indivíduo determinado do outro sexo, é à vontade de viver, tomada em si mesma, de uma maneira absoluta" (Shopenhauer).

Freud não aceitava a expressão Pansexualismo e justamente relembrou aos seus leitores no prefácio da quarta edição dos três ensaios da teoria sexual que havia sido o filosofo alemão Arthur Shopenhauer e não ele quem fez a humanidade se enfrentar com o quanto que suas metas estão determinadas por impulsos sexuais (GAY, 1989)

O uso do termo na obra de Franco da Rocha foi revisto, anos depois na ocasião da segunda edição do livro, pois o autor suprimiu o termo Pansexualismo do título, por sugestão de Durval Marcondes, que tinha um conhecimento mais apurado sobre o papel da sexualidade na teoria freudiana (SAGAWA, 2001).

Franco da Rocha dizia que a leitura da obra de Freud exigia amor ao saber e uma leitura paciente para tomar juízo seguro da sua concepção (FRANCO DA ROCHA, 1920, p. 4). Afirma ainda que Freud construiu sua obra ao longo de trinta anos sempre junto aos doentes, ao observar os fatos e procurar explicações. Essas explicações constituem a sua doutrina (IBID., p. 4)

O autor argumenta que a falta de um livro em português sobre a teoria de Freud, para facilitar as preleções entre os seus alunos pouco habituados aos estudos psicológicos e a observação de pacientes, foi o que motivou sua produção.

É possível que a modernização do ensino da Psiquiatria fosse impulsionada pela introdução da Psicanálise, já que para Franco da Rocha a Psicanálise é um método de exploração clínica e, simultaneamente, o método psicoterápico (IBID, p. 10)

O autor aborda a doutrina freudiana como um sistema médico especial das neuroses e as psicoses da qual nasceu uma original concepção psicológica explicativa da atividade psíquica, tanto normal quanto patológica.

O conceito original da influência universal do instinto sexual é uma concepção muito genérica. É o impulso vital dos metafísicos, evolução criadora (Bérgson), a vontade de poder (Schopenhauer) (IBID, p. 12). É a crítica que o autor faz ao conceito de sexualidade em Freud, embora a contribuição freudiana tenha sido tomar uma noção indefinida, poderíamos dizer poética, e outorga-lhe precisão convertendo-a no fundamento de uma psicologia.

Em relação ao inconsciente, o autor o abordou separadamente embora seja uma conceituação simultânea a da sexualidade, entendeu que era central desde que a consciência para a Psicanálise deixava de ser o ato principal que definia o sujeito. O inconsciente não era uma questão da psicologia, era a própria psicologia (IBID, p. 14).

Retomou a noção de inconsciente a partir de Jung, insta a divulgação leiga do conceito que, segundo ele, ofereceria um horizonte à compreensão da destruição e a guerra. "O homem civilizado ainda é bárbaro e não pode responsabilizar o vizinho pelos seus atos" (IBID, p. 18) O autor transita sobre a possibilidade de entender a nação pelo que faz o indivíduo. Os grandes problemas da humanidade não se resolveriam com leis universais, numa possível crítica ao positivismo. A metamorfose do indivíduo seria o único meio de transformar um povo

(p. 19). Recuperou ou entendeu que a contribuição da Psicanálise era trazer para o interior do conceito de realidade tudo aquilo que fora condenado, as fantasias, as superstições, os erros, os delírios. A Psicanálise afastava-se das concepções clássicas que consideram que os fatos psíquicos como fenômenos estabelecidos pela determinação de relações quantitativas e pela verificação experimental “A localização cerebral não importava, como aos fisiologistas, pois para os psicanalistas era uma explicação puramente psicológica” (p. 25)

Considerava um aspecto de grande valor na teoria psicanalítica o lugar dado à origem das moléstias na degeneração como um fator distante e considerava como capital na determinação psíquica do individuo o desenvolvimento regular e harmônico do instinto sexual infantil, o que confere à Psicanálise um interesse pedagógico de grande alcance para a ciência eugênica que naquele momento começava a ocupar a atenção dos intelectuais da Medicina. Mas esta já é uma outra história...

Para os Psiquiatras a teoria freudiana possibilitava a superação do dilema da conformação racial como um antecedente hereditário que orientava a compreensão da origem das enfermidades nervosas, assim como, a intervenção na esfera sexual através da educação, desde que, e segundo a leitura que se fez na época, o texto freudiano superava o papel preponderante dado à hereditariedade na origem das enfermidades nervosas, deixando de lado a pré-história para privilegiar a história da infância e a origem dos conflitos na esfera sexual.

Se a recepção da Psicanálise aconteceu nesses termos para um grupo de Psiquiatras isto não significou na época uma aceitação por parte da sociedade médica, no referido período, a apreensão com que foi recebida a preleção inaugural

de Franco da Rocha sobre a sexualidade, chegou a gerar na congregação da Faculdade de Medicina certa apreensão sobre sua sanidade mental.

Não temos notícias a respeito da repercussão que teve para Juliano Moreira, seu declarado apoio a divulgação da Psicanálise. É possível que não ocupar cargos no âmbito do ensino oficial da Psiquiatria, o colocasse fora da “mira”, dos acadêmicos da época.

Desde o inicio do século XX Juliano Moreira, quando renuncio ao cargo docente que ocupava na Faculdade de Medicina da Bahia, tinha como âmbito de trabalho o HNA, e desde esse lugar “tentava” introduzir mudanças na assistência aos alienados no Brasil.

6. CONCLUSÕES GERAIS

Pesquisar a História da conformação de um campo de saberes da Psique tendo como marco o inicio do século XX e orientados pela atividade intelectual médica e acadêmica de Juliano Moreira, resultou na construção de um texto que revelou que a trama social que sustentava localmente a necessidade premente de implementação de medidas sanitárias foi uma corrente de pensamento que teve forte influencia na conformação de saberes sobre a origem das moléstias nervosas entre os Psiquiatras brasileiros. O fantástico poder social do controle das epidemias orientou dentro da Psiquiatria a tendência conhecida como Psiquiatria preventiva, sendo a Psicanálise “absorvida” no mesmo contexto, o dilema da origem psíquica ou orgânica das chamadas moléstias nervosas, embora fosse motivo de comentário nos textos produzidos “em cima” da leitura de Freud; não aparece como uma discussão que na época desse sustento, as diferenças e a delimitação de campos de saber entre a Psiquiatria e a Psicanálise.

A periodização do estudo iniciado em 1891 destacou a influência da Escola Tropicalista da Bahia no pensamento “sanitarista” ao qual Juliano Moreira aderiu reforçando uma ética médica que amplia seus horizontes para a

determinação social da enfermidade. Ao propor como ponto de conclusão da pesquisa 1920 está sendo sublinhado, uma mudança na orientação da Psiquiatria preventiva em direção ao movimento eugenico. A obra de Juliano Moreira, o seu pensamento, suas reflexões, as publicações no Brasil e no exterior, não se apóiam na ideologia que indicava o branqueamento racial como a solução para a constituição de uma Nação, isto indicaria a continuidade da pesquisa no sentido das relações de Juliano Moreira com o movimento Eugênico.

Ainda como consequência da leitura dos textos em que se privilegia a divulgação das áreas de conhecimento nas quais Juliano Moreira participou encontramos uma significativa contribuição do autor à História das Ciências no Brasil, a pesquisa desses documentos (conferências) ampliou a compreensão do processo de divulgação das ciências, como aprofundou a visão sobre o pensamento do Juliano Moreira em relação à defesa da produção científica local e a valorização da presença do negro e do índio na conformação racial do brasileiro.

7. REFERÊNCIAS

1. ALDA HEIZER, ANTONIO AUGUSTO PASSOS VIEIRA (org.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro, Access Ed., 2001.
2. ARBOLEDA, Luis Carlos. *Um olhar sobre o passado Historia das Ciências na América Latina* Campinas Ed. Unicamp 1999 /2000 pág. 121.
3. BACHELARD, Gastão *La Formación del Espíritu Científico. Contribución al Psicoanálisis de um conocimiento objetivo*. 2^a edición, 1972. Buenos Aires Ed. Siglo XXI
4. BARRETO José C de S Ciência e arte Euclides da Cunha e as ciências Naturais Hucitec Universidade Federal de Feira de Santana 2001
5. BARRETO MR N e Aras LMB Salvador cidade do Mundo; da Alemanha para a Bahia Historia, Ciências, Saúde – Manguinhos v.n.1 Rio de Janeiro jan/abr.2003.
6. BARROS Pedro Motta Alvorecer de uma nova ciência; A medicina tropicalista Historiada das ciências em saúde. Manguinhos vol 1 Jul/Out 1994
7. BIRMAN Joel A Psiquiatria como discurso da moralidade Ed. Graal, 1978. Rio de Janeiro
8. BLOCH, Marc. *Introdução à história. (Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien)*. Ed. crítica, Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-América, 1997.
9. CARVALHAL L DE A E DELGADO P G Levantamento das fontes primarias e secundarias relativas a Juliano Moreira A loucura da (na Historia) Amarante P (org) LAPS/Ensp Fiocruz, 2000.

10. CARVALHAL L. de. A Loucura e Sociedade. O pensamento de Juliano Moreira (1903-1933) Monografia do Dto de História Ufrj, 1997.
11. CORREIA, Mariza As ilusões da Liberdade: a Escola de Nina Rodriguez e a Antropologia no Brasil. EDUSF, 1998.
12. CONI, Antonio C. *Escola Tropicalista Bahiana*. Salvador: Livraria Progresso, 1952.
13. COSTA Jurandir Freire Historia da Psiquiatria no Brasil. Ed Xenon 1989
14. COUTINHO Afrânio Org. Jorge de Lima Obra Completa. Rio de Janeiro Ed. Jose Aguilar 1958 vol I pág 208
15. DALGALARRONDO Paulo Civilização e Loucura. Uma introdução à Historia da Etno Psiquiatria Ed Lemos (apoio Jassen Pharmaceutica).
16. DANTAS Maria Amélia org. Espaços da Ciência no Brasil 1800.1930 Ed Fio Cruz Coleção Historia e Saúde 2001.
17. Diccionario Histórico Biográfico das ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz- (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.Br>)
18. DOURADO, Nadia Rocha el alii. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com aspectos de Saúde Mental. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 138, n. 2, 2005.
19. FIGUEIRÔA S de As Ciências Geológicas no Brasil: uma História Social e Institucional, 1875-1934 Ed.Hucitec 1997.
20. FIGUEIRÔA S de M org. Um olhar sobre o passado. Apresentação Ed Unicamp 2000.
21. FIGUEIRÔA S de M Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais pág 235 Ciência , Civilização e Império nos Trópicos Alda H E Antonio A P. V. (org) Ed. Access 2001.
22. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6^a ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
23. _____. Doença Mental e Psicología 6^aedición ed Biblioteca Tempo Universitário 2000
24. _____. La Arqueología Del Saber 2^a Siglo veintiuno 1972
25. _____. Problematização do Sujeito, Psicología, Psiquiatria e Psicanálise Coleção Ditos e Escritos org. Motta Manuel de B.2^a ed. Forense Universitária 2002.
26. GAY, Peter Freud para Historiadores 2. Edição Paz e Terra, 1989.
27. _____. Freud uma vida de nuestro tiempo. Ediciones Paidos, 1989.

28. GLICK, Tomas. *Precursors of Psychoanalysis in Latin America*. Revista Episteme Filosofia e Historia das Ciências em revista N8 Jan/Jun 1999. UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Ilea /Grupo interdisciplinar em Filosofia e Historia das ciências .
29. GUNTAU, Martín Jose Bonifácio de Andrada e Silva. *Estudos e trabalhos científicos na Europa central: Um Olhar sobre o Passado*. FIGUEIRÔA S de M (org) Ed Unicamp 2000 pág 253
30. JACOBINA, Ronaldo R. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)* [Tese de Doutorado em Saúde Pública]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/MS), 2001.
31. JACOBINA, R.; GELMAN, E A. Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia. 2006, aceito para publicação.
32. JACOBINA, Ronaldo R. *Medicina social: conceito e história*. Texto didático. Salvador: Departamento de Medicina Preventiva – FAMEB-UFBA, 2005. Disponível em: <http://www.medicina.ufba.br>. Acesso em: 20 de março de 2006.
33. JACOBINA, Ronaldo R. *A prática psiquiátrica na Bahia. Estudo histórico do Asilo São João de Deus /Hospital Juliano Moreira (1874-1947)*. [Tese de Doutoramento]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública–Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2001
34. Jacó-Vilela Ana Maria e outros Clio Psique ontem. Fazeres e dizeres Psi na História do Brasil Ed. Relume Dumará 2001.
35. JACÓ-VILELA,AM ,Esch, Cf e outros Os estudos Médicos no Brasil no século XIX : Contribuições á Psicologia .Memorandum 7 , 138-150 10/06/05 Disponível em: <http://WWW.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo07/>
36. JONES Ernest Vida e obra de Sigmund Freud Tomo I e II Biblioteca de Psicoanalisis de la Asociación Psicoanalitica Argentina Ed Nova. Buenos Aires 1960
37. KHUN, Thomas. *Tensão essencial* Cap 5 Enciclopédia de ciências sociais vol 14 (Nova York)1968
38. LIMA. Denise de Oliveira. (org) 60 anos de Psicanálise – dos precursores às perspectivas no final do século Ed Agalma 1993
39. LE GOFF, J. Documento / Monumento. In: Le Goff J. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 535-553, 1996.
40. LEME LOPES, Jose. Juliano Moreira. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p.3-19, 1964.
41. LUZ, Mabel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira*. Rio de janeiro: Graal, 1982.

8 Fontes

1. .BRITTO, Alfredo. *Memória histórica do ano letivo 1900-1901*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 4, 1904.
2. .CARRILHO Heitor Professor Juliano Moreira Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro Publicação semestral dirigida pelo Dr Heitor Carrilho, Diretor do Manicômio Judiciário v4 n1/2 pag 1-20, 1933.
3. .FACULDADE de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 34, n. 9, mar. 1903.
4. .HOMENAGEM ao Professor Juliano Moreira Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro v.5 pag 1-22 1923
5. .LOPES, Rodrigues. *Juliano Moreira, seu tempo sua obra o sábio o íntimo* Oficinas Gráficas Americano & Cia, 1929.
6. .MOREIRA Juliano. Academia Nacional de Medicina Sessão de 28 de Maio de 1925 dedicada a comemoração centenário de Charcot discurso :Juliano Moreira pág 131-138
7. .MOREIRA Juliano e Afrânio Peixoto XV Congresso Internacional de Medicine Lisbonne 1906 Les Maladies Mentes dans les climats Tropicaux Arquivos Brasileiros de Psiquiatria , Neurologia e ciencias afins Rio de Janeiro v2 n 1 pág 222-241
8. .MOREIRA Juliano. Ligeira vista sobre a evolução da assistencia a alienados na Alemanha .A clinica psiquiátrica de Munich Comunicado a Academia Nacional de Medicina Rio de Janeiro Novembro de 1907 *Archivos Brasileiros de Psiquiatria Medicina Neurologia e Medicina Legal*
9. . Marcgrave e Piso Revista do Museu Paulista 16 de Outubro 1917 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

57. ROCHA, Nadia M. Dourado e outros. *A Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. A preocupação com aspectos da saúde mental*. *Gazeta Médica da Bahia* Julho/Dez 2004.
58. ROSEN, George. *A Evolução da Medicina Social*. In: NUNES, Everardo. *Medicina Social: Aspectos históricos e teóricos*. São Paulo, Global, 1983.
59. ROSEN, George. *Da política médica à medicina social*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
60. ROSEN, George. *Uma história da Saúde Pública*. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1994.
61. ROUDINESCO, E; CANGUILHEM, G; MAJOR, R; DERRIDA, J. *Foucault Leituras da História da Loucura*. Ed Relume Dumara 1991.
62. ROUDINESCO Elizabeth Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed, 1999.
63. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Algumas notas sobre a história da Psiquiatria na Bahia. (Trabalho póstumo organizado por William Dunningham, Solange Rubim de Pinho e Penha de Fátima Serra). Salvador, 1999.(Mimeo).
64. RUSSO, Jane. *O mundo Psi no Brasil*. Jorge Zahar Ed. 2002.
65. SAGAWA Yucata R. DURVAL, Marcondes. *Pioneros da Psicología Brasilera* v 11 Imago ED. 2002.
66. SANTOS FILHO, Licurgo. Dos. Medicina do Período Imperial. In: HOLANDA, Sérgio (org.) *História da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, t. 2, v. 3, p.482, 1968.
67. SHOZO Motoyama e Mari F. *História das ciências* vol 2 Cap 9 O desenvolvimento da História das ciências no Brasil pág 382-408 São Paulo Edu/Edusp 1979
68. STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da Ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
69. SOUZA, César P. (org.) *Sigmund Freud & O Gabinete do Dr Lacan*. 2 Ed, 1990.
70. SWARTZMAN, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças* Cia das Letras. 2004.
71. TATOON, René. *Las Biografías científicas Y su importânciâ em la H. de la Ciencia* Antonio de la Fuente y Saldaña coord. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Madrid 1987
72. TEIXEIRA, Cid. *Bahia em tempos de Província*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

- 73..TEIXEIRA, Loureiro. Manoel O Nascimento da Psiquiatria no Brasil. *Cadernos do Ipub* n 8, 1997 pag. 42
- 74..TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- 75..TEIXEIRA, Rodolfo. Apresentação. In: Bastianelli Luciana. (compl.) *Gazeta Médica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa*. Salvador: Edições Contexto, 2002.
- 76.VIEIRA, Maria Do P. e outros. A pesquisa em História. Editora Ática, 2002.

10. O aniversário da fundação do Hospital Nacional de Psicopatas . Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria . Rio de Janeiro v9 n2/3 pag 129-131 1927
11. O progresso das Ciências no Brasil Anais da Biblioteca Nacional Rio de Janeiro V 35 1913
12. Publicações recebidas Resenha o Pan-Sexualismo na Doutrina de Freud Brasil Medico 5 de Junho de 1920
13. Quais os melhores meios de assistência aos alienados? 4º Congresso Latinoamericano Archivos Brasileiros de Psiquiatria neurologia e Medicina Legal Rio de Janeiro, v 5 n 112 pág 373-396, 1910
14. Silva Lima e a Gazeta medica da Bahia (1866-1916)Bahia Ilustrada N 3 Rio de Janeiro fevereiro de 1918 ano II
15. As seções de Psiquiatria e Neurologia do XII Congresso de Medicina de Paris Gazeta Médica da Bahia publicação mensal Abril de 1901c n.10
16. Diskinesias Arsenicais (nova contribuição e estado atual da questão). Tese de Concurso para o lugar de Lente substituto da 12ª seção Apresentada a Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, 17 de Abril de 1896.
17. Gazeta médica da Bahia Outubro de 1901d n. 4 Rudolf Virchow
18. Noticia sobre a evolução da Assistência a alienados no Brasil Diretor do Hospício Nacional de Alienados Rio de Janeiro .Imprensa Nacional 1905
19. A clinica psiquiátrica da Universidade de Wursburg. *Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitais*, p.18-21; p.40-43,abril 1902.
20. A Clínica Psiquiátrica e de moléstias Nervosas da Universidade de Leipzig. *Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitais*, p.2-5, jun. ; p. 20-23, dez. 1901a.
21. A clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas na Universidade de Halle. *Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitais*, v.2, n7, p.52-55; p.101-104; 111-115, set., nov., dez.1901b.
22. A imprensa médica nacional. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 33, p. 342, 1902a.
23. Conferência: O Progresso das Ciências no Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 35, pp. 32-47, 1913.
24. Da necessidade da fundação de laboratórios nos hospitais. *Gazeta Médica da Bahia*, v.33, pp. 439-450, 1902c.

25. _____. Distribuição Geográfica do botão endêmico dos países quentes. (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia. Artigo, abr. 1895). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 26, pp. 369-374, 1895b.
26. _____. Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 25, pp. 508-512, 1894; v. 26, pp. 25-30; pp. 61-63; pp. 159-168, 1894.
27. _____. *Etiologia da sífilis maligna precoce*. [Tese inaugural de doutoramento]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia – FAMEB, 1891.
28. _____. Existe na Bahia o Botão de Biskra? Estudo clínico. (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 30/12/1894). *Gazeta Médica da Bahia*, v.26, pp. 254-258, 1895a.
29. _____. O asilo-colônia de Alienados em Juqueri (S. Paulo). *Gazeta Médica da Bahia*, v.33, pp. 399-407, 1902b.
30. _____. O Trigésimo quinto aniversário da Gazeta. *Gazeta Médica da Bahia*, v.33, pp. 1-3, 1901.
31. _____. Silva e Lima e a Gazeta Medica da Bahia (1866-1916). *Bahia Ilustrada*, v. 2, pp. 1-3, 1918.
32. Noticiário. Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 26, p. 142, 1894.
33. PEIXOTO, Afrânio. Arquivos Bra. de Neuriatría e Psiquiatría, v.5, 1923.
34. _____. Discurso. In: À Memória de Juliano Moreira, fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 5, pp. 81-91, 1933.
- 35..PENAFIEL, Carlos. O professor Juliano Moreira. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Medicina Legal*. Rio de Janeiro, v. 9, p. 120-136 , 1913.
36. PINTO, Genserico de Souza Aragão, tese da Psicanálise (a sexualidade nasneuroses) Dissertação (cadeira de doenças nervosas) Rio de Janeiro, 1914.
37. ROCHA, Franco da. O pansexualismo na doutrina de Freud Diretor do Hospital de Juquery, Professor da Faculdade de Medicina de São Paulo ed Rothschild, 1920.
38. ROQUETE PINTO Ata da Sessão Ordinária de 23 de Maio de 1933 (pág 18 a 36) Anais da Academia Brasileira de Ciências Tomo V n2 junho 1933 p 81 a 97 Palavra de Roquete Pinto
39. ROXO, Henrique. Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro Imprensa Medica Revista quinzenal Brasileira de

Medicina e Ciencias afins Direção e propriedade de L. Neves Manta 5 de Maio de 1933

40. SILVA LIMA, Francisco. Estudo sobre o “Ainhum”. Moléstia ainda não descripta, peculiar à raça ethiopica, e affectando os dedos mínimos dos pés. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 1, n.13, p. 146-150, 1867.
41. SILVA LIMA, José F. Estudo sobre o “ainhum”, moléstia ainda não descrita, peculiar à raça etiópica e afetando os dedos mínimos dos pés. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 1, pp. 146-151, 1867.